

**ESCOLA DE COMANDO E ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO**  
***ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO***

TENENTE CORONEL **WU** JIANGTAO

**O ATUAL RELACIONAMENTO CHINA-BRASIL NO CAMPO  
ECONÔMICO E OS REFLEXOS PARA O BRICS**



Rio de Janeiro

2018

Tenente-Coronel **WU JIANGTAO**

## **O ATUAL RELACIONAMENTO CHINA-BRASIL NO CAMPO ECONÔMICO E OS REFLEXOS PARA O BRICS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército,  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
Especialista em Ciências Militares.

Orientador: Maj Cav DANIEL **MENDES** AGUIAR SANTOS

Rio de Janeiro

2018

C837c Wu Jiangtao.

o atual relacionamento china-brasil no campo econômico e os reflexos para o brics. / Wu jiangtao. □ 2018.

101 f. : il ; 30cm.

Orientação: Daniel Mendes Aguiar Santos – Major Cav.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2018.

Bibliografia: f. 92-93.

1. livro: «brics» 2. LIVRO: Relatório sobre o desenvolvimento das relações entre a China e os países de língua portuguesa — Brasil.

CDD 355.3

Tenente-Coronel **WU** JIANGTAO

**O ATUAL RELACIONAMENTO CHINA-BRASIL NO CAMPO  
ECONÔMICO E OS REFLEXOS PARA O CONTINENTE  
ASIÁTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército,  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
Especialista em Ciências Militares.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

COMISSÃO AVALIADORA

---

Daniel Mendes Aguiar Santos – Major Cav - Presidente  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

---

Gulherme Naves Pinheiro– TC Inf – Membro  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

---

Alisson Alencar David– Maj Inf – Membro  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Dedico este trabalho a todos que, de forma direta ou indireta, vêm contribuindo para a minha contínua busca do saber. Em especial à minha esposa e meu filho, pelo carinho e total incentivo à realização deste trabalho.

## RESUMO

No Século XXI, com a ascensão da economia brasileira e a plena implementação da diplomacia dos grandes países, o papel do Brasil como centro regional de poder tornou-se cada vez mais evidente, desempenhando um importante papel na reformulação do padrão geopolítico da América Latina e mesmo do Hemisfério Ocidental.

O Brasil é o primeiro país em desenvolvimento a estabelecer uma parceria estratégica com a China. A relação entre a China e o Brasil ultrapassou o alcance bilateral e a influência estratégica-global, sendo cada vez mais proeminente. A China e o Brasil têm muitas pré-condições e fundamentos para o desenvolvimento aprofundado de relações amigáveis: ambas são economias mundiais emergentes igualmente importantes, e não há grandes contradições e grandes conflitos de interesse, o BRICS e a complementaridade comercial bilateral é forte. Nos últimos anos, ambos os lados atribuíram grande importância ao desenvolvimento das relações bilaterais. As trocas comerciais continuaram a aprofundar e as relações bilaterais têm um futuro brilhante.

No entanto, vale a pena notar que as diferenças nos valores culturais, a existência de barreiras linguísticas, a assimetria do padrão econômico e comercial, além do o apoio fraco ao suporte intelectual, afetarão diretamente o progresso, a escala e a profundidade do desenvolvimento das relações bilaterais. Essa questão precisa ser abordada.

**Palavras-chave:** parceria estratégica, econômico e comercial, BRICS, país em desenvolvimento.

## ABSTRACT

In the 21<sup>st</sup> Century, with the rise of the Brazilian economy and the full implementation of the diplomacy of large countries, Brazil's role as a regional power center became increasingly evident, playing an important role in reformulating the Latin American geopolitical pattern and even from the Western Hemisphere.

Brazil is the first developing country to establish a strategic partnership with China. The relationship between China and Brazil has surpassed the bilateral reach, and strategic and global influence has become increasingly prominent. China and Brazil have many preconditions and foundations for the deep development of friendly relations: both are equally important emerging world economies, and there are no major contradictions and major conflicts of interest. BRICS and bilateral trade complementarity are strong. In recent years, both sides have attached great importance to the development of bilateral relations. Trade exchanges have continued to deep and bilateral relations have a bright future.

However, it is worth noting that differences in cultural values, the existence of language barriers, the asymmetry of the economic and commercial pattern, and weak support for intellectual support will directly affect the progress, scale, and depth of the development of bilateral relations. This issue needs to be discussed.

**Keywords:** strategic, economic and commercial partnership, BRICS, developing country.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1. 1 PROBLEMA DE PESQUISA.....	12
<b>1.1.1 Diferenças entre a China e o Brasil.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1.2 Baixo nível de suporte intelectual .....</b>	<b>17</b>
<b>1.1.3 Comercial corretamente .....</b>	<b>17</b>
<b>1.1.4 Políticas, econômicas e comerciais.....</b>	<b>17</b>
1.2 OBJETIVOS.....	17
<b>1.2.1 Objetivo Geral.....</b>	<b>17</b>
<b>1.2.2 Objetivos Específicos .....</b>	<b>18</b>
1.3 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	18
1.4 CONTRIBUIÇÃO DA PESQUISA .....	18
2 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO .....	18
2.1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
2.2 REFERENCIAL METODOLÓGICO.....	22
<b>2.2.1 Tipo de pesquisa .....</b>	<b>22</b>
<b>2.2.2 Universo e amostra.....</b>	<b>22</b>
<b>2.2.3 Coleta de dados .....</b>	<b>23</b>
<b>2.2.4 Tratamento dos dados .....</b>	<b>23</b>
3 REVISÃO DE LITERATURA .....	23
3.1 A CONFIANÇA MÚTUA POLÍTICA CONTINUA A AUMENTAR.....	24
3. 2 A INTERAÇÃO BILATERAL INICIALMENTE ALCANÇOU A INSTITUCIONALIZAÇÃO. 26	
3. 3 CHINA E BRASIL ALCANÇARAM UM SALTO NO CRESCIMENTO CONÔMICO E COMERCIAL .....	28
3.4 A COOPERAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA ALCANÇOU RESULTADOS FRUTUOSOS.....	29
3.5 OS INTERCÂMBIOS CULTURAIS FORAM FORTALECIDOS .....	31
4 O RELACIONAMENTO CHINA-BRASIL NO CAMPO ECONÔMICO.....	32
4.1 O STATUS QUO E MUDANÇAS .....	32
<b>4.1.1 Estatuto econômico, comercial e de investimento.....</b>	<b>33</b>
<b>4.1.2 Características recentes e mudanças nas relações econômicas e comerciais.....</b>	<b>34</b>
<b>4.1.3 Cooperação e Concorrência.....</b>	<b>35</b>



4.2 DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS NATURAIS NO BRASIL: O PAPEL DA CHINA .....	36
4.2.1 O mais recente desenvolvimento da economia Brasileira .....	37
4.2.2 Tipos de exportações Brasileiras para a China .....	38
4.2.3 O papel da China .....	39
4.3 RELAÇÕES ASSIMÉTRICAS DE INVESTIMENTO DIRETO.....	39
4.3.1 A situação atual e as características do investimento direto da China no Brasil.....	40
4.3.2 O status quo e as características do investimento direto brasileiro na China.....	42
4.3.3 A razão direta pela qual China e Brasil têm investimento direto mútuo não é igual.....	43
4.3.4 Inferenciar .....	46
4.4 PROTEÇÃO COMERCIAL E ATRITO COMERCIAL .....	47
4.4.1 A situação atual e características básicas .....	48
4.4.2 Causas de atrito comercial .....	49
4.4.3 Solução de atrito comercial.....	51
4.5 TENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO FUTURO.....	54
4.5.1 Manter um crescimento constante.....	55
4.5.2 A estrutura comercial não mudará no curto prazo.....	55
4.5.3 O Brasil se tornará um dos mercados prioritários para investimentos chineses.....	56
4.6 TRANSFORMAÇÃO ESTRATÉGICA DAS RELAÇÕES ENTRE A CHINA E O BRASIL.....	56
4.6.1 Visão do Brasil da China .....	56
4.6.2 "Belt and road" da China estendido para a América do Sul .....	58
4.6.3 O ambiente internacional para a transformação estratégica da relação entre a China e o Brasil .....	60
4.6.4 Convergência de interesses na transformação estratégica das relações China-Brasil .....	64
4.6.5 Desafios futuros na transformação estratégica de relações entre a China e o Brasil.....	65
5 OS REFLEXOS PARA O BRICS.....	70
5.1 IDENTIDADE NACIONAL DO BRASIL E METAS DE POLÍTICA EXTERNA .....	71

5.2 ESTRATÉGIA DE COOPERAÇÃO SUL-SUL DO BRASIL E CONSIDERAÇÕES ESTRATÉGICAS PARA A COOPERAÇÃO DO BRICS.....	74
5.3 PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NA COOPERAÇÃO BRICS .....	79
6 CONCLUSÃO .....	84
6.1 PERSPECTIVAS PARA O FUTURO DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES CHINA-BRASIL.....	84
<b>6.1.1 Relações bilaterais manterão rápido desenvolvimento .....</b>	<b>85</b>
<b>6.1.2 Cooperação para lidar com a crise financeira .....</b>	<b>86</b>
<b>6.1.3 Promover o estabelecimento de uma nova ordem política e econômica mundial.....</b>	<b>87</b>
6.2 FUTURO DESSA RELAÇÃO PARA O BRICS .....	87
REFERÊNCIAS .....	91

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil é o primeiro país em desenvolvimento a estabelecer uma parceria estratégica com a China. A relação entre a China e o Brasil ultrapassou o alcance bilateral e a influência estratégica e global tornou-se cada vez mais proeminente. Desde o Século VVI, com as profundas mudanças na política e economia internacionais e no aprofundamento contínuo da integração econômica mundial, as relações econômicas e comerciais entre a China e Brasil a aquecer a uma velocidade, amplitude e profundidade sem precedentes. A China e o Brasil são considerados países emergentes e com grandes semelhanças entre si, como território e cooperação econômica.

Em 2009, a China substituiu os Estados Unidos da America como o maior parceiro comercial do Brasil. Em 2012, a China e o Brasil incrementaram relações bilaterais com a parceria estratégica integral. Além desse grande fluxo comercial, ambos são membros do bloco do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), ocupando posição de destaque nas relações econômicas em seus continentes e no âmbito internacional. Essa relação China-Brasil é marcada por interesses em comum que vêm sendo aperfeiçoados para que ambos países cooperem com seus desenvolvimentos sustentáveis. Nos últimos anos, ambos os lados atribuíram grande importância ao desenvolvimento das relações bilaterais. As trocas comerciais continuaram a aprofundar e as relações bilaterais têm um futuro brilhante.

No entanto, as relações econômicas e comerciais entre a China e o Brasil representam uma maior complexidade do que as relações políticas e a cooperação. Por um lado, as relações econômicas e comerciais entre a China e o Brasil estão se tornando cada vez mais próximas das demandas econômicas dos dois países, A demanda por recursos da China é garantida, A renda internacional do Brasil também foi muito melhorada. Por outro lado, com o aprofundamento das relações econômicas e comerciais entre a China e o Brasil, a exportação do Brasil para a China mostrou uma tendência cada vez mais óbvia "orientada para o produto primário". No entanto, as exportações da China para o Brasil são caracterizadas pela "diversificação" e pela "industrialização". Por isso, a disputa comercial entre a China e o Brasil tornou-se uma questão cada vez mais importante nas relações bilaterais.

Isso poderá gerar consequências para o comércio com os países do continente asiático.

Convém, portanto, a realização de pesquisa com o intuito de melhor entender essa relação que vem ganhando grande dimensão. Em vista disso, esta pesquisa primeiro resume a situação atual, características e mudanças recentes nas relações econômicas e comerciais entre a China e o Brasil, Em segundo lugar, analisa o significado das relações econômicas e comerciais entre a China e o Brasil para ambas as partes. Finalmente, analisa a tendência de desenvolvimento das relações econômicas e comerciais entre a China e o Brasil no futuro. (Zhang Shuguang 2014)

## 1. 1 PROBLEMA DE PESQUISA

### 1.1.1 Diferenças entre a China e o Brasil

Tratando do atrito comercial nas relações econômicas e comerciais entre a China e o Brasil, em geral, os bens manufaturados industriais do Brasil são mais fracos em competitividade do que os produtos chineses, impulsionados por um forte senso de protecionismo comercial, para proteger a indústria manufatureira do país do impacto dos produtos chineses, o atrito comercial entre os dois lados tornou-se cada vez mais problemático. Os destaques estão concentrados no uso frequente de investigações antidumping no Brasil sobre produtos de exportação da China, medidas de proteção comercial e investigações especiais de salvaguardas e outras medidas de defesa comercial. Embora o Brasil reconheça o status de economia de mercado total da China em 2004, ele ainda é um dos países com o maior número de medidas antidumping contra a China. A China é também um dos principais alvos das medidas de proteção ao comércio exterior do Brasil.

Atualmente, a gama de commodities cobertas pelas sanções comerciais unilaterais do Brasil às exportações chinesas está se expandindo gradualmente, e as medidas tomadas pela China são basicamente responsivas. Ao mesmo tempo, o Brasil está gradualmente mudando sua abordagem tradicional de remédios comerciais, que é principalmente antidumping, e começa a adotar novas medidas de proteção comercial, como o lançamento de investigações especiais de segurança, avaliações alfandegárias, preços mínimos e certificações de exportação, focando na existência de ambos os lados no mercado internacional. Áreas de concorrência direta ou indireta, como têxteis, roupas, brinquedos, louças e outros produtos de

manufatura. O mesmo ponto que não pode ser ignorado é que, no inquérito antidumping contra a China, o Brasil ainda considera a China um país sem economia de mercado e determina o valor normal das exportações chinesas com base em preços de terceiros, prática obviamente e prática. A situação coloca o lado chinês numa posição claramente desvantajosa. A partir disso, podemos ver também que o tratamento real desfrutado pela China no status de plena economia de mercado no Brasil ainda é difícil de encontrar, e como implementá-lo ainda precisa ser visto.

Quanto às relações assimétricas de investimento direto chinês e Brasileiro, nos últimos anos, sob a orientação da estratégia "go global", o investimento direto estrangeiro da China fez conquistas notáveis em seu rápido desenvolvimento.

Ao mesmo tempo, o rápido crescimento do investimento chinês no Brasil causou um alto grau de vigilância no Brasil. ênfase do governo Rousseff em "igualdade", princípios de "equilíbrio", por um lado tentando evitar excesso de confiança na economia da China, por outro lado, querendo serviços investimento chineses no Brasil pode ser atualizado em produção e tecnologia industrial em lidar com as relações económicas e comerciais sino-Brasileiras atuais subindo de nível e assim por diante.

Com base nos fatores acima, devido a mais barreiras de investimento e ambiente de investimento deficiente, a taxa de crescimento do investimento da China no Brasil está muito aquém da taxa de crescimento do investimento estrangeiro na China e sua volatilidade é significativa. Com relação ao acesso a investimentos, o Brasil ainda restringe a entrada de investimentos externos em muitas áreas. Por exemplo, as restrições do Brasil sobre os investidores estrangeiros a investir em indústrias estratégicas como comunicações, aeroespacial, defesa, cuidados de saúde, fundos de pensão, postais e outros; é proibido o investimento estrangeiro em áreas como a energia nuclear, o negócio de transporte marítimo, comércio fronteiriço, pesca, serviços postais e telegráficos, etc. indústria; a menos que o presidente considere os interesses gerais do país e dê aprovação especial, os investidores estrangeiros não pode fazer bancos e companhias de seguros no Brasil de propriedade, não podemos ocupar a posição de espera nas ações de instituições financeiras; companhias aéreas só permitem uma pequena quantidade de participação de capital estrangeiro, e na aviação civil, as ações de

uma empresa não devem exceder 20%. Além disso, o Brasil também tem certas restrições à compra de terras rurais por investidores estrangeiros.

Em termos do ambiente de investimentos, apesar da promoção da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos nos últimos anos, o governo Brasileiro intensificou sua construção de infraestrutura e forneceu uma série de apoio político. No geral, a infraestrutura doméstica Brasileira ainda é relativamente antiga e inadequada. Ela impõe certo grau de restrição à atração de investimentos estrangeiros, a taxação é relativamente pesada e o sistema de tributação é mais complexo. Em termos de conveniência tributária, o Brasil ficou apenas em 159 entre 189 países em 2014. Considerando as empresas iniciantes, no índice de ambiente de negócios para examinar a eficiência do governo Brasileiro, o ranking do Brasil é apenas o 123º, a eficiência do trabalho é relativamente baixa, a corrupção é superior à média regional: De acordo com o 2013 “índice de corrupção” publicado pela Transparência Internacional 2013. O Brasil ocupa o 72º lugar entre 175 países, com alguma corrupção e maior que a média regional.

Com base nos pontos acima, pode-se observar que o ambiente de investimento do Brasil é geralmente fraco e tem um nível baixo entre os principais países emergentes.

Acerca do modelo de gestão de negócios, pode-se dizer que é muito diferente. Primeiro, o modelo de governança corporativa é muito diferente e é inaceitável. Nos últimos anos, um grande número de empresas chinesas estão estacionadas no Brasil, mas muitas delas estão insatisfeitas com o meio ambiente local, sendo que a principal questão está nos diferentes modelos de gestão empresarial entre a China e o Brasil. Para aumentar a eficiência, algumas empresas chinesas usam ordens administrativas para exigir que os trabalhadores trabalhem horas extras, descansem e aumentem a carga de trabalho. Esta prática, que é comum na China, teve a oposição de trabalhadores Brasileiros e até de gerentes locais.

Alguns CEOs corporativos repreenderam os gerentes de empresas locais por serem estigmatizados pelos locais. Por exemplo, funcionários e empresas “se reúnem com o mesmo destino” para melhorar seu senso de propriedade, enriquecer constantemente sua qualidade geral e se esforçar para “criar mais valor para si mesmos” e criar mais valor para eles mesmos. O reconhecimento até induziu conflitos trabalhistas. O fenômeno acima reflete as enormes diferenças culturais entre os dois países. A Associated Press uma vez afirmou que "os conflitos culturais

impedirão a China de entrar no Brasil". Embora o texto esteja cheio de palavras alarmistas, não é insensato. As empresas chinesas experimentaram "choque cultural" no Brasil por um tempo. (Xia Xiaojuan 2016)

Em segundo lugar, diferentes políticas trabalhistas, "custos Brasileiros" podem ser proibitivos. Com ricos recursos do Brasil naturais e um enorme potencial para o comércio o Brasil tem, atraindo um grande número de empresas chinesas, incluindo a China State Grid, a Sinopec, a Baosteel, China Railway Construction e outras empresas estatais e ZTE, Huawei, Sany, Lifan, Chery e outras empresas privadas. O Brasil está recebendo a terceira onda de investimentos de empresas chinesas em seu território. Esta onda tem-se centrado no início em comprar minério de ferro, soja e outras matérias-primas mostrando investir e construir fábricas no Brasil, envolvendo mais áreas de comércio e outros novos recursos.

De acordo com as estatísticas do Banco Central do Brasil, em 2012, o investimento direto chinês no Brasil acumulou cerca de US \$ 10,4 bilhões, dos quais 66% do investimento no setor de petróleo e gás, 17% no setor de mineração do metal, serviços financeiros representaram 3%. Ao mesmo tempo, com um contato cada vez mais profundo com os funcionários locais, a contradição entre trabalho e capital tornou-se o problema mais mencionado. Um executivo da empresa suspirou de emoção: "As empresas chinesas envolveram muitos problemas nas atividades de investimento do Brasil, incluindo a compreensão dos problemas, grandes diferenças de compreensão, dificuldade de coordenação e procedimentos complicados de processamento.

Como o relatório de pesquisa publicado pela KPMG, empresa de consultoria líder mundial, disse em 2012, "os custos empresariais Brasileiros não são apenas os mais altos entre os emergentes, mas até excedem os países desenvolvidos em muitos aspectos", e os "custos Brasileiros" dissuadiram muitos empresários. Os empregados Brasileiros têm um forte senso de proteção de direitos, não apenas com altos salários, ambiente de trabalho, jornada de trabalho, benefícios e benefícios, mas também fortes organizações sindicais locais, mecanismos perfeitos de proteção de direitos e rígidas leis de proteção trabalhista. Todos eles forneceram forte apoio organizacional e legal, a empresa será culpada de queixas e reclamações, o que também aumenta o custo dos negócios. Além disso, o governo Brasileiro e o público também atribuem grande importância à proteção ambiental, grande equilíbrio ecológico, proteção dos recursos hídricos e recursos florestais. As empresas devem

levar a sério, caso contrário, estarão sujeitos a pesadas multas. O sistema legal do Brasil Foi herdado da Alemanha e as leis são rigorosas e rigorosas, sendo necessário fortalecer a pesquisa sobre as leis trabalhistas Brasileiras e as leis de proteção ambiental.

Sobre as pessoas comuns, pode-se constatar que sabem pouco um do outro e a leitura errada da cultura acontece de tempos em tempos.

Há pouco conhecimento sobre a tolerância ideológica e cultural do povo chinês, o respeito pela antiga cultura ética, a cultura social educada e assim por diante. A este respeito, o ex-embaixador da China no Brasil, Chen Duqing profunda experiência, ele lamentou: "Ainda hoje, a China se tornou o maior parceiro comercial do Brasil, enquanto o Brasil se tornou o maior parceiro comercial da China na América Latina, o entendimento entre os dois povos ainda é extremamente escasso. Obviamente, é iminente aumentar a compreensão mútua entre os cidadãos comuns dos dois países.

A respeito das barreiras linguísticas, tornaram-se gargalos que afetam a comunicação em profundidade entre as partes. A análise das causas da incompreensão cultural na China e no Brasil não pode ignorar o fator da linguagem. Na China, com exceção de Macau, o português é ensinado apenas Beijing, Universidade de Estudos Estrangeiros de Beijing, Universidade de Língua Estrangeira de Pequim, Universidade de Comunicação da China, Universidade de Estudos Internacionais de Xangai, Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin, Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an, Universidade de Línguas Estrangeiras, etc.

Os cursos de graduação, e as faculdades e universidades mencionadas acima ensinam que o português é a língua oficial da República Portuguesa, há uma diferença com o português Brasileiro. O português é um idioma pequeno na China, não há muitas pessoas que aprendam e saibam sobre ele, há muito pouco para aprender o português do Brasil. No Brasil, o chinês é reconhecido como uma das línguas estrangeiras mais difíceis de aprender, não há muitas pessoas aprendendo chinês, e professores que ensinam chinês em português são ainda mais escassos. A situação acima mencionada tem causado sérios obstáculos à troca de idioma e cultura entre as duas partes, e muitos contratos e acordos importantes às vezes até definham devido à falta de tradução de palavras.



### **1.1.2 Baixo nível de suporte intelectual**

Primeiro, há menos programas de treinamento cooperativo de alto nível, como o intercâmbio de estudantes estrangeiros e acadêmicos de intercâmbio entre os dois países. Em segundo lugar, há poucos estabelecimentos mútuos de agências de comunicação cultural e linguística nos dois países. Por último, as instituições de pesquisa dos dois países investiram pouco na pesquisa umas das outras e sua força de pesquisa científica é fraca.

### **1.1.3 Comercial corretamente**

O atual padrão econômico e comercial de baixa tecnologia na China e no Brasil deve ser alterado, as áreas complementares devem se complementar e as áreas comuns devem cooperar de boa fé.

### **1.1.4 Políticas, econômicas e comerciais**

O mecanismo de cooperação bilateral ou multilateral entre a China e o Brasil não é perfeito. Há necessidade de fortalecer e inovar.

## **1.2 OBJETIVOS**

### **1.2.1 Objetivo Geral**

No mundo atual, o “domínio dos países desenvolvidos no Ocidente está relativamente em declínio e a ascensão dos países emergentes e grandes países em desenvolvimento é um grande símbolo.” Entrou em uma nova era de desenvolvimento e turbulência, e a interação entre mudança e competição, devido à descentralização do poder no mundo. A tendência de "equalização de poder e equilíbrio" se desenvolveu rapidamente: um mundo multipolar está gradualmente sendo transformado de um ideal para uma realidade. A China e o Brasil são, sem dúvida, os representantes mais importantes das economias emergentes e de grandes grupos de países em desenvolvimento, sendo também a força motriz mais importante para a diversificação do sistema político e econômico internacional. Assim, o objetivo geral desta pesquisa é: Analisar as consequências do relacionamento China-Brasil no campo econômico com seus reflexos para o BRICS e para o continente asiático.

### **1.2.2 Objetivos Específicos**

- Descrever a evolução histórica-econômica entre Brasil e China;
- Levantar vantagens, diferenças e entraves da relação econômica entre China e Brasil; e
- Verificar as principais consequências sobre o continente asiático advindos de relatórios, dados estatísticas e entrevistas com diplomatas e cônsules chineses e Brasileiros.

### **1.3 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA**

A pesquisa estará focada no levantamento de consequências da relação econômica atual para o continente asiático, avaliando aspectos facilitadores e aspectos restritivos dessa relação. Os espaços Brasil, China e o continente asiático serão tomados como referência, a partir da criação do BRICS. Em uma tentativa de examinar as relações bilaterais entre a China e o Brasil durante o governo Temer, examinamos como a China e o Brasil encaram os novos desafios que enfrentam as relações econômicas e comerciais bilaterais.

### **1.4 CONTRIBUIÇÃO DA PESQUISA**

A partir deste estudo, pretende-se oferecer oportunidades de reflexão a respeito das melhorias, de atenção às vantagens e desvantagens para ambos, decorrente dessa cooperação econômica, de modo a complementarem-se e a gerarem novas áreas de intercâmbio no campo político, psicossocial e militar. Além disso, identificar os impactos, caso haja, da evolução dessa relação no continente asiático.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO**

### **2.1 REFERENCIAL TEÓRICO**

Nas últimas décadas, a China tornou-se um ator fundamental no processo de globalização. A China é ativa no crescimento econômico, no comércio internacional, no investimento estrangeiro direto e na inovação tecnológica, e desempenha um papel importante em áreas como as fontes de financiamento internacionais. Sob o efeito combinado desses fatores, a China mudou rapidamente a paisagem econômica mundial. A China estabeleceu inter-relações entre as economias em desenvolvimento, o que permitiu às economias emergentes alcançar níveis sem precedentes de crescimento econômico, comércio, investimento, redução da pobreza e internacionalização.

A forte demanda da China por matérias-primas e recursos naturais, alguns dos quais fornecidos por economias africanas e latino-americanas, reflete o forte ímpeto de crescimento da China. Nos últimos dez anos, o comércio entre a China e as duas regiões acima cresceu rapidamente e agora se tornou um importante parceiro comercial nesses dois continentes. O rápido crescimento da China também beneficia economias que satisfazem suas necessidades de matéria-prima e recursos naturais. A América do Sul, especialmente os países que exportam minerais, se beneficiaram enormemente desse padrão de crescimento.

A China e os países da América Latina e do Caribe formaram novas regiões para o crescimento global. Isso não apenas reflete a crescente influência das economias emergentes nas principais variáveis da economia mundial, mas também reflete que as economias emergentes e as economias em desenvolvimento fortaleceram seus laços mútuos através do comércio e investimento sul-sul. Os países em desenvolvimento devem enfrentar ativamente esse novo padrão e ajustar suas próprias políticas e estratégias para usar o crescente potencial das ligações econômicas e cooperação sul-sul. O aprofundamento das relações econômicas e comerciais entre a China e a América Latina é um objetivo importante desse processo.

A crise econômica global fortaleceu a China e a Ásia como uma importante fonte de crescimento das exportações para a América Latina. A região Ásia-Pacífico substituiu a UE como o segundo maior mercado de exportação da América Latina. Em 2009, a China era o Brasil e o maior país de destino de exportação do Brasil, do Chile, o Peru, a Costa Rica e o segundo maior país de destino de exportação de Cuba, e o terceiro maior país de destino das exportações da Argentina. Por volta de 2015, a China substituiu a UE como o segundo maior parceiro comercial de

importação e exportação da América Latina. Em comparação com as relações econômicas com os Estados Unidos ou a Europa, as relações econômicas com a Ásia terão um impacto maior nas perspectivas de crescimento econômico da América Latina nas próximas décadas.

A China é um dos maiores exportadores mundiais de bens e o quinto maior exportador de serviços, o maior consumidor de energia e um dos maiores produtores de energia renovável. A China é também o maior mercado consumidor de automóveis e o maior produtor de aço e navios. Além disso, a China também desempenhou um papel central no campo financeiro internacional: o país é o maior país de reserva cambial do mundo e suas reservas em moeda estrangeira em 2010 representaram 30% do total das reservas internacionais em moeda estrangeira. Ao mesmo tempo, a China é também o principal detentor de títulos do Tesouro dos EUA. Em 2010, a China substituiu a Alemanha como o país com o segundo maior número de publicações de pesquisa científica. Em outras palavras, a China desempenha um papel importante em vários campos, como produção, investimento, comércio e finanças na economia mundial, e desempenha um papel mais importante no campo da inovação e do progresso tecnológico.

A China tornou-se o país mais dinâmico no comércio asiático e é frequentemente chamada de “fábrica da Ásia”. Essa chamada fábrica é uma rede complexa de cadeia industrial regional composta de corporações multinacionais, e a China desempenha um papel importante na origem e no destino de produtos relacionados. A China tornou-se um importante parceiro comercial da maioria dos países latino-americanos em um curto período de tempo.

Em 2008, a China tornou-se o maior mercado de exportação para o Brasil e o Chile, e foi o segundo maior mercado para a Argentina, Costa Rica, Cuba e Peru. Os países que exportam para a China concentram-se principalmente na América do Sul, seguidos pela América Central e México. Os produtos exportados para países asiáticos emergentes na América Latina e no Caribe são produzidos principalmente em cinco países (Argentina, Brasil, Chile e México) e suas exportações representam mais de 90% do total das exportações da região.

A América Latina e o Caribe estão cada vez mais próximos da China. Esta situação favorável criou uma boa oportunidade para que os países da região lhes permitam transformar a inovação e aumentar sua competitividade em uma tarefa central da agenda de desenvolvimento nacional e regional. A estratégia de

coordenação da China e de toda a região Ásia-Pacífico (com base na experiência passada e no foco em se tornar um parceiro em seu processo de rápido desenvolvimento) certamente ajudará a eliminar as lacunas da América Latina em competitividade, inovação e produtividade.

Essas lacunas tornaram-se um obstáculo de longo prazo para o progresso na implementação de transições de produção e estratégias de igualdade na América Latina. Como parceiros iguais nas regiões em desenvolvimento, a China e a América Latina devem trabalhar duro para aprofundar o benefício mútuo. Ambas as partes devem resolver possíveis diferenças por meio de diálogo, consulta ou negociação (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, 2010).

O relacionamento da China com a América Latina é crucial porque pode atender à demanda atual e futura da China por matérias-primas e recursos minerais. Como resultado, embora mantendo seu rápido crescimento, a China também pode atender às necessidades nutricionais da maioria da população. A atual direção de exportação e o padrão de investimento refletem o interesse da China em matérias-primas na América Latina e no Caribe: minerais, metais e florestas (Chile e Peru), peixes e energia (Argentina, Venezuela, Equador), aço (Brasil). Carne e outros alimentos (Argentina, Brasil, Chile e Peru).

A chave para o desenvolvimento das relações entre a Ásia e a América Latina é a relação entre a China e o Brasil, e o espaço efetivo para o Brasil permitir que outros países e regiões da América do Sul se beneficiem. De fato, como membro dos países do BRIC e do G20, a relação entre as duas principais potências econômicas, a China e o Brasil, estabeleceu uma plataforma para diálogos estratégicos entre a região da Ásia-Pacífico e a América Latina e o Caribe. Sem um forte relacionamento com outras economias asiáticas, a China não poderia ser esplêndida no cenário econômico mundial.

Da mesma forma, a estratégia para a América Latina e o Caribe deve ser desenvolvida conjuntamente pelas partes relevantes para gerar e usar sinergias e economias de escala para estabelecer relações sustentáveis e mutuamente benéficas com a região Ásia-Pacífico. Para este fim, os países devem iniciar planos de comércio e investimento para a promoção de projetos transnacionais, com foco no desenvolvimento das indústrias de infraestrutura, logística, energia e tecnologia. Nesse sentido, é crucial fortalecer o relacionamento com a China por meio da

cooperação na formulação da agenda sub-regional. O Brasil terá um papel decisivo nesse sentido.

Quanto ao relacionamento China-Brasil, verifica-se que há parceria estratégica entre ambos os países, baseada em benefícios mútuos e complementação nas relações comerciais. Outro aspecto nesse contexto, é o interesse comum de serem países emergentes na nova ordem mundial.

Sobre as consequências no continente asiático, pode-se verificar que o incremento do referido relacionamento gera segurança no campo energético e de commodities para a China frente aos outros países da Ásia.

## 2.2 REFERENCIAL METODOLÓGICO

### 2.2.1 Tipo de pesquisa

A metodologia a ser empregada neste trabalho combinará a teoria com a prática, apontará o problema e, posteriormente, a sua solução. O estudo será realizado a partir de uma pesquisa documental, bibliográfica e descritiva, de abordagem qualitativa, uma vez que privilegiará análise de documentos e relatos. A coleta de relatórios estatísticos de órgãos chineses, de registro de relatos de membros da diplomacia e do consulado chinês no Brasil (através de entrevista semiestruturada), serão técnicas aplicadas nesta pesquisa. Para embasar a compreensão dos dados, também será realizada pesquisa de livros e artigos científicos.

### 2.2.2 Universo e amostra

Face à especificidade do assunto, de modo a contribuir para a coleta de dados do objeto de estudo, o universo será constituído pelos seguintes grupos:

- Especialista do seminário China-América Latina de Relações Econômicas e comerciais especialistas;
- Fórum do BRICS, Simpósio Internacional China e Brasil e estudiosos sobre questões sino-Brasileiras e o embaixador do Brasil na China;
- Alunos civis dos Cursos de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Militares da ECME cuja linha de pesquisa abarque assuntos relativos à China; e
- Os instrutores da academia militar da China.

### **2.2.3 Coleta de dados**

O Tese especial escrita por especialistas e acadêmicos de diferentes áreas da China e do Brasil, o trabalho dos embaixadores diplomáticos chineses no Brasil, site diplomático Brasileiro. O conteúdo abrange a parceria econômica e comercial, o conceito Brasileiro de China, o Belt and Road, a lei comercial Brasileira, a proteção consular e as trocas científicas e tecnológicas.

### **2.2.4 Tratamento dos dados**

Será conduzido do um estudo descritivo a fim de determinar e ser capaz de explicar as características das variáveis de importância para o objetivo qual da pesquisa. Além disso, um questionário é usado contendo perguntas predeterminadas e estruturadas.

Coleta e análise de dados qualitativos: foram usados vários canais para coletar dados e dados de pesquisas relevantes. Depois que as informações foram coletadas, as informações foram integradas e analisadas, de modo a ganhar maior credibilidade para a pesquisa.

Coleta e análise de dados quantitativos: os dados quantitativos são mais confiáveis e matematicamente fortes. Com base em dados estatísticos, evidenciados por meio de uma revisão quantitativa, combinando coleta de dados qualitativa e quantitativa. A combinação de coleta de dados qualitativos e coleta de dados quantitativos levou a conclusões mais e completas.

## **3 REVISÃO DE LITERATURA**

Xi Jinping, presidente da República Popular da China, reuniu-se com o presidente Brasileiro Temer na “Cúpula de Hangzhou dos líderes do G20” em Hangzhou em 2 de setembro de 2016. Xi Jinping apontou que a amizade entre a China e o Brasil tem sido firmemente apoiada por sucessivos governos dos dois países e por todas as esferas da vida, e é um relacionamento maduro e sólido entre os estados. A China está cheia de confiança nas perspectivas de desenvolvimento do Brasil e cheia de confiança na cooperação China-Brasil. A China e o Brasil devem continuar a considerar-se mutuamente com suas próprias oportunidades de

desenvolvimento e parceria, fortalecer a cooperação bilateral e levar a parceria estratégica abrangente China-Brasil a um novo nível. Em seu discurso no "Seminário de Negócios Sênior Brasil-China", o presidente Brasileiro Temer enfatizou que a China é o parceiro mais necessário do Brasil neste momento, e é oportuno fortalecer ainda mais a parceria estratégica abrangente entre o Brasil e a China. "Este é o consenso do governo Brasileiro, pessoas e empresas. É também um objetivo importante da minha visita à China na 11ª cúpula dos líderes do G20." Em 1974, a China estabeleceu relações diplomáticas com o Brasil. Em 2012, China e Brasil anunciaram a promoção de relações bilaterais para uma parceria estratégica abrangente. Nos últimos 40 anos desde o estabelecimento de relações diplomáticas entre a China e o Brasil, o Brasil passou por muitas rotações e reformas de poder político, mas a tendência geral das relações China-Brasil não mudou.

### 3.1 A CONFIANÇA MÚTUA POLÍTICA CONTINUA A AUMENTAR

O governo Brasileiro de Geisel, que tomou posse em 1974, fez grandes ajustes na política externa do governo militar que começou em 1964, mudou a estratégia diplomática de "alinhamento com os Estados Unidos" perseguidos por juntas militares anteriores e abandonou a "fronteira ideológica". Em vez disso, implementou uma estratégia diplomática diversificada, "pragmatismo responsável". Essa mudança no pensamento diplomático do governo Brasileiro promoveu as relações entre o Brasil e os países do "terceiro mundo", e o fortalecimento das relações com os países socialistas tornou-se uma das características mais importantes da diplomacia Brasileira nesse período.

Em 15 de março de 1974, Geisel tornou-se presidente do Brasil e, cinco meses depois, o Brasil anunciou relações diplomáticas com a China. Em 1984, Figueiredo se tornou o primeiro presidente Brasileiro a visitar a China na história do Brasil. Após a restauração da política democrática no Brasil em 1985, para fortalecer a autonomia da diplomacia Brasileira, o governo ganey, tentou ampliar o espaço diplomático Brasileiro, acelerando o desenvolvimento das relações entre China e Brasil e tornando-se uma importante diplomacia do governo Brasileiro.

Em 1988, Sarne visitou a China. Nesse encontro histórico entre Sarney e Deng Xiaoping, os dois lados propuseram que o século 21 seria o "Século do Pacífico" e o "Século Latino-americano". Esse consenso visionário levou à China e ao Brasil. A relação entre os dois países deu início a um rápido desenvolvimento.



Após 20 anos de desenvolvimento, a confiança mútua entre os governos da China e do Brasil tem sido continuamente aprimorada, e suas respectivas posições na estratégia diplomática do outro lado melhoraram muito. Em 1993, China e Brasil estabeleceram uma "parceria estratégica" e abriram uma nova era de relações bilaterais. A parceria estratégica não apenas reflete o atual desenvolvimento das relações entre China e Brasil, mas também aponta para o desenvolvimento futuro das relações bilaterais.

Desde então, as relações entre os dois países entraram em um estágio de aprofundamento e modernização: os dois chefes de estado trocaram visitas em 2004, a primeira reunião do Comitê de Coordenação e Cooperação de Alto Nível da China e do Brasil em 2006, o diálogo estratégico iniciado em 2007 e os dois chefes de estado em 2008. Três reuniões foram realizadas e, em 2014, o Presidente Xi Jinping visitou com sucesso o Brasil. Na véspera da Cúpula do Hangzhou do G20 em 2016, Temer embarcou no avião para a China poucas horas depois de se tornar o presidente do Brasil, abrindo a primeira viagem diplomática após sua posse.

Em resumo, a relação bilateral entre a China e o Brasil nos últimos 40 anos desde o estabelecimento de relações diplomáticas têm características peculiares, desde o estabelecimento das relações diplomáticas em 1974 até o início dos anos 1990, as trocas de visitas de alto nível entre os dois países eram muito limitadas, mas desde o estabelecimento da parceria estratégica entre os dois países em 1993, o nível e a frequência das visitas mútuas de alto nível entre os dois países aumentaram substancialmente.

Em 2004, a troca de visitas entre o presidente Hu Jintao e o presidente Lula elevou a parceria estratégica entre os dois países para um novo patamar, e o conteúdo das relações bilaterais foi ainda mais enriquecido. Em fevereiro de 2009, o vice-presidente chinês Xi Jinping disse durante sua visita ao Brasil que "a China e o Brasil, como duas importantes potências emergentes, fortaleceram ainda mais a cooperação e sua importância transcende o alcance bilateral e tem influência global e estratégica crescente". É o posicionamento preciso da China das relações atuais e futuras China-Brasil.

Em maio de 2009, a segunda visita de Estado do Presidente Lula à China consolidou a parceria estratégica entre a China e o Brasil, e a confiança política mútua entre os dois países foi reforçada. Impulsionados por intercâmbios de visitas de alto nível, os dois países mantiveram uma estreita coordenação e cooperação em

organizações internacionais, como as Nações Unidas e a Organização Mundial do Comércio, e deram um ao outro certo apoio em algumas questões importantes. Por exemplo, o governo Brasileiro apoia firmemente a posição do governo chinês em questões importantes como Taiwan e Tibete.

Em agosto de 2007, o Ministério das Relações Exteriores Brasileiros emitiu um comunicado de imprensa reafirmando sua adesão à política de uma só China, apoiando a reunificação pacífica da China e se opondo a "se unir ao referendo da ONU". Ao mesmo tempo, o Brasil apóia a adesão da China à Organização Mundial do Comércio, tornando-se um observador da Organização dos Estados Americanos e ingressando no Banco Interamericano de Desenvolvimento. O governo chinês apóia o Brasil para desempenhar um papel mais importante em assuntos regionais e internacionais e apoia a participação do Brasil no Banco Asiático de Desenvolvimento. Como um país de mercado emergente com influência importante, a China e o Brasil têm interesses comuns.

Nos últimos anos, China e Brasil têm cooperado ativamente em mecanismos internacionais e multilaterais como as Nações Unidas, a Organização Mundial do Comércio, o G20, o mecanismo de cooperação BRICS e o China-Crazy Community Forum para promover conjuntamente a reforma da ordem política e econômica internacional e manter os interesses dos países emergentes. Como um grande país em desenvolvimento nos hemisférios oriental e ocidental, o consenso entre a China e o Brasil nos principais assuntos internacionais a reforma da ordem econômica internacional é muito maior do que as diferenças. A base para a cooperação entre os dois países na arena internacional é ainda mais forte.

### 3. 2 A INTERAÇÃO BILATERAL INICIALMENTE ALCANÇOU A INSTITUCIONALIZAÇÃO

Desde 1985, o Ministério das Relações Exteriores da China e do Brasil estabeleceu um sistema de consultas regulares, até o momento, foram realizadas 14 consultas políticas e o sistema de consulta regular forneceu um canal efetivo para os dois governos coordenarem suas posições nos principais assuntos internacionais. Além disso, desde que a China e o Brasil assinaram um memorando de entendimento para estabelecer um comitê de coordenação e cooperação de alto nível entre a China e o Brasil em 2004, os dois lados se estabeleceram sob o mecanismo incluindo política, economia, comércio, ciência e tecnologia, aviação, cultura, agricultura, energia, minerais e educação.

No âmbito de oito subcomitês, em 2006, os dois países também estabeleceram um mecanismo de intercâmbio regular para os órgãos legislativos e, em 2007, foi criado e lançado um mecanismo de diálogo estratégico. A riqueza do canal de diálogo não só ajuda a promover o entendimento mútuo entre os dois países, mas também proporciona mais espaço para o aprofundamento das relações bilaterais entre a China e o Brasil.

Intercâmbios de alto nível entre os dois países são freqüentes. Em julho de 2014, o Presidente Xi Jinping participou da sexta reunião dos líderes dos BRICS no Brasil, dos líderes da China, América Latina e Caribe e fez uma visita de Estado ao Brasil. China e Brasil emitiram uma declaração sobre o aprofundamento da parceria estratégica abrangente China-Brasil.

Em maio de 2015, o Premier Li Keqiang fez uma visita oficial ao Brasil. Em junho, o vice-primeiro-ministro Wang Yang visitou o Brasil e presidiu a quarta reunião do Comitê de Coordenação e Cooperação de Alto Nível China-Brasil.

Em agosto de 2016, o representante especial do presidente Xi Jinping e vice-premiê do Conselho de Estado, Liu Yandong, participaram da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos do Rio. Em setembro, o presidente Temer foi à China para participar da cúpula dos líderes do G20 em Hangzhou, e o presidente Xi Jinping teve uma reunião bilateral com ele.

Em junho de 2017, o chanceler Brasileiro Nunes visitou a China e participou da reunião do BRICS com ministros das Relações Exteriores, o chanceler Wang Yi. Em julho, Echegoyen, diretor do Escritório de Segurança de Agências do Escritório da Presidência da República, veio à China para participar da 7ª Reunião de Representantes Seniores do BRICS. Em setembro, o presidente Temer fez uma visita de Estado à China e participou da reunião do BRICS em Xiamen.

A China e o Brasil cooperaram estreitamente em assuntos internacionais e cooperaram estreitamente com organizações internacionais e mecanismos multilaterais, como as Nações Unidas, a Organização Mundial do Comércio, o G20, os BRICS e grandes organizações internacionais, como reforma do sistema financeiro internacional, mudanças climáticas e desenvolvimento sustentável. O problema continua sendo uma boa comunicação e coordenação. Além das embaixadas, a China tem consulados em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Recife, e o Brasil tem consulados em Xangai, Guangzhou e Hong Kong.

### 3. 3 CHINA E BRASIL ALCANÇARAM UM SALTO NO CRESCIMENTO CONÔMICO E COMERCIAL

Nos mais de 40 anos desde o estabelecimento de laços diplomáticos entre a China e o Brasil, o comércio bilateral fez progressos consideráveis, especialmente nos últimos anos, e a tendência de alta se mostrou é atraente. Estatísticas da Alfândega da China mostram que em 1974 o volume de comércio bilateral entre os dois países durante o período inicial de estabelecimento de relações diplomáticas foi de apenas 17,42 milhões de dólares, na década de 80 o volume médio anual de comércio chegou a 755 milhões de dólares e estabeleceu a parceria estratégica do Século XX. No meio e nos anos posteriores, as relações econômicas e comerciais entre os dois países mantiveram um crescimento constante e aumentaram para 2,845 bilhões de dólares em 2000.

No Século 21, sob a influência de múltiplos fatores, a tendência acelerada de desenvolvimento do comércio bilateral entre a China e o Brasil se tornou ainda mais aparente. Do ponto de vista do estado do comércio, desde 2001, a China ultrapassou o Japão para se tornar o maior parceiro comercial do Brasil na Ásia, em 2005, pela primeira vez ultrapassou a Alemanha para se tornar o terceiro maior parceiro comercial do Brasil (depois de Estados Unidos, Argentina). Em abril de 2009, tornou-se o maior parceiro comercial do Brasil e continua até hoje. As relações comerciais entre a China e o Brasil têm forte complementaridade e são padrões típicos de ganhos e ganhos.

Do ponto de vista mercantil, as exportações Brasileiras para a China estão concentradas principalmente em máquinas e equipamentos e peças, equipamentos de informática e tecnologia de comunicação, instrumentos de máquinas, aço, transporte, têxteis e vestuário. Já o Brasil exporta minério de ferro, soja, petróleo bruto, celulose, óleo de soja e aviões, fornecendo à China uma grande quantidade de matérias-primas, alimentos e energia.

O Brasil é também o membro fundador do único banco asiático de investimento em infraestrutura nas Américas. Webb Barar, diretor de Comércio Exterior do Ministério da Indústria, Desenvolvimento e Comércio Exterior do Brasil, disse que o fato da China estar se tornando a maior parceira comercial do Brasil é uma "mudança histórica", tornando-se a quarta da história Brasileira depois de Portugal, Reino Unido e Estados Unidos. O maior país parceiro comercial. Além disso, a estrutura comercial entre os dois países está se tornando mais diversificada,

e a proporção de produtos de alta tecnologia e de alto valor agregado, como aviões regionais no Brasil, aumentou nas exportações Brasileiras para a China. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento do comércio entre os dois países, a cooperação de investimento também fez progressos.

No final de 2015, o estoque de investimentos diretos das empresas chinesas no Brasil era de 3,877 bilhões de dólares, principalmente relacionados a energia, mineração, manufatura, finanças, agricultura, serviços, atacado e varejo, e um total de 200 empresas chinesas no Brasil. Embora a cota de investimento mútuo não esteja alinhada com o status quo da situação econômica e das relações bilaterais da China e do Brasil, pode-se prever que a expansão do investimento mútuo será um dos principais focos do desenvolvimento futuro das relações China-Brasil.

O governo Brasileiro disse que “braços abertos” saúdam o investimento chinês. Temer disse no "Seminário de Negócios Sênior Brasil-China" que a situação política no Brasil agora está estável e que a economia está no caminho da recuperação. O país inteiro está entrando em uma trajetória normal e estável de desenvolvimento e espera se tornar um local investimento confiante.

Os analistas ressaltaram que é previsível que a China eo Brasil entrem em uma nova etapa de maturidade e estabilidade sob o impulso do fortalecimento da capacidade de atracção industrial e da cooperação e avanços substanciais em grandes projetos como o "Two Oceans Railway". Li Jinzhang, embaixadora chinesa no Brasil, destacou que atualmente a economia chinesa é basicamente estável sob o "novo normal", e está progredindo de forma constante, evoluindo de forma mais avançada, com uma divisão de trabalho mais complexa e uma estrutura mais racional. A economia Brasileira também se estabilizou.

Acredita-se que à medida que a integração de interesses entre a China e o Brasil continue se aprofundando e as áreas de cooperação continuem a se expandir, a parceria estratégica abrangente entre China e Brasil avançará para um nível mais alto e continuará a desempenhar um papel modelo na cooperação entre países emergentes.

#### 3.4 A COOPERAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA ALCANÇOU RESULTADOS FRUTUOSOS

A cooperação em ciência e tecnologia é o destaque da parceria estratégica entre a China e o Brasil. As trocas científicas e tecnológicas e a cooperação entre os dois lados começaram principalmente depois que a China implementou a reforma e

a abertura em 1979. Embora a cooperação científica e tecnológica entre a China e o Brasil tenha começado tarde, o desenvolvimento é relativamente rápido. O Brasil e a China compartilham características comuns importantes: os dois países são potências territoriais e suas economias estão entre as 10 melhores do mundo.

Já nos anos 80, os dois lados lançaram um projeto conjunto para desenvolver satélites de sensoriamento remoto. Para a China e o Brasil, este projeto de cooperação de alta tecnologia tem significado estratégico e também é um modelo de cooperação entre países em desenvolvimento no campo de alta tecnologia para benefício mútuo e cooperação frutífera.

Antes de 1981, intercâmbio científico e tecnológico entre os dois países era limitado a contatos individuais, em seguida, a China enviou uma delegação de barragens e seguro de petróleo, hidráulica, nuclear, patentes, silvicultura, metalurgia, medicina, pesquisa básica e da indústria do açúcar e outros campos. A delegação foi ao Brasil para inspeção. Ao mesmo tempo, o Brasil também enviou uma delegação à China para investigar a aplicação de computadores na indústria eletrônica e na indústria da aviação, o desenvolvimento e a utilização de biogás e hidrogênio e condições médicas e de saúde. Além disso, o Brasil realizou uma série de palestras e seminários em Pequim.

Atualmente, a cooperação entre os dois países é ampla e se formou em larga escala. Na grande cooperação científica e tecnológica entre os dois governos, a cooperação no campo aeroespacial é o maior ponto positivo. Em termos de cooperação em tecnologia espacial, a China e o Brasil desenvolveram e lançaram com sucesso três satélites de recursos terrestres em 1999, 2003 e 2007. O lançamento cooperativo do satélite demonstrou a força dos campos de alta tecnologia dos dois países. A cooperação entre os dois países no campo aeroespacial tornou-se um modelo de cooperação sul-sul de alta tecnologia.

Em abril de 2001, a China e o Brasil também alcançaram novos projetos, começando pela cooperação nos campos de biotecnologia, materiais avançados e tecnologia da informação e comunicação. Ambos os países acreditam que essas áreas são os motores da inovação tecnológica no Século XXI. No setor de aviação, a Harbin Aircraft Industry Group, a Aviation Industry Co. e a Embraer Aviation Industry, e a China Aviation Industry Group Corporation estabeleceram conjuntamente a Harbin Anbowei Aircraft Industry Co., Ltd. em janeiro de 2003. Em dezembro, o primeiro avião ERJ145 construído na China foi lançado e fez seu

primeiro voo com sucesso. Os aviões que a Embraer entregou ao mercado chinês respondem por mais da metade das atuais aeronaves regionais da China. Atualmente, a China se tornou o segundo maior mercado internacional de aeronaves regionais Brasileiras.

Tanto a China como o Brasil são países em desenvolvimento. A ciência e a tecnologia de ambos os lados têm suas próprias vantagens. Todos eles têm rápido desenvolvimento e complementaridade. Portanto, a cooperação e os intercâmbios estão progredindo rapidamente e os resultados são óbvios. Atualmente, ambos os países implementaram uma política de abertura para o mundo exterior, e todos esperam expandir a cooperação e levar as trocas científicas e tecnológicas a um nível mais avançado.

Os dois lados estão ampliando ainda mais seus canais com base no princípio de "igualdade, benefício mútuo e desenvolvimento comum". Em termos de cooperação, os dois lados passaram gradualmente de inspeções técnicas gerais para pesquisa cooperativa, desenvolvimento conjunto e operações cooperativas, e promoveram a combinação de cooperação científica e tecnológica e cooperação econômica e comercial. Pode-se dizer que os intercâmbios e a cooperação entre a China e o Brasil são mutuamente benéficos e mutuamente benéficos, e alcançaram resultados satisfatórios, que promoveram o progresso científico e tecnológico e o desenvolvimento econômico dos dois países.

### 3.5 OS INTERCÂMBIOS CULTURAIS FORAM FORTALECIDOS

Embora as localizações geográficas da China e do Brasil estejam muito distantes, os povos dos dois países podem melhorar a compreensão e a distância por meio de intercâmbios culturais. Já em 1985, embora o Brasil fosse um dos países com mais intercâmbios culturais entre a China e a América do Sul, o programa de intercâmbio era relativamente simples. Em novembro de 1985, o embaixador chinês no Brasil e o ministro das Relações Exteriores do Brasil assinaram um acordo de cooperação cultural e educacional entre a China e o Brasil em nome dos dois governos em Brasília. Embora a linguagem não seja razoável, a distância está longe, e é difícil promover trocas mútuas, mas ambos os lados têm fortes desejos nesse sentido.

Nos últimos 20 anos, os dois países assinaram uma série de acordos de cooperação em educação cultural, que trouxeram os intercâmbios culturais e a

cooperação entre a China e o Brasil para um caminho de desenvolvimento regular, sustentado e equilibrado.

Nos últimos anos, com o rápido desenvolvimento da economia chinesa e a consolidação contínua de parcerias estratégicas, os intercâmbios entre a China e o Brasil no campo cultural também mostraram um rápido desenvolvimento, e os dois países realizaram uma série de exposições culturais e artísticas nos países uns dos outros. A China sediou com sucesso eventos culturais de grande escala como o Festival Cultural Chinês, a Exposição de Relíquias Culturais, a Exposição de Arte e o Tour de Negócios no Brasil. O Brasil realizou atividades como Exposição Nacional China-Brasil e Exposição Amazônia Brasileira na China. A Shanghai World Expo tem um pavilhão Brasileiro que recebe mais de 2,64 milhões de visitantes.

Em 2013, os dois países realizaram atividades de “mês cultural” nos países um do outro. O Ministério da Educação tem unidades de ensino de língua chinesa na Universidade de Brasília e na Universidade de São Paulo, e possui 10 Institutos Confúcio e 4 Institutos Confúcio no Brasil. A Universidade de Comunicação da China e o Centro Cultural Asiático em São Paulo, têm um teste de proficiência em português e um teste de proficiência em chinês. O Instituto Latino-Americano da Academia Chinesa de Ciências Sociais e da Universidade de Pequim estabeleceu, respectivamente, o Centro Brasileiro de Pesquisa e o Centro Cultural Brasileiro. A CCTV e a China Radio International estabeleceram a Estação Central da América Latina e o Terminus Regional Latino-Americano, respectivamente, no Brasil. Ele desempenha um papel importante no aprofundamento da amizade e compreensão mútua entre os dois povos.

Além disso, a China estabeleceu dois Institutos Confúcio na Universidade de Brasília e na Universidade Estadual de São Paulo, e estabeleceu o Centro Cultural Brasileiro na Universidade de Pequim em 2004. Em 2009, a Academia Chinesa de Ciências Sociais criou o Centro de Pesquisa Brasileiro, demonstrando os fatores culturais na construção da China. Essa iniciativa tem valor especial em uma parceria estratégica com o Brasil.

## **4 O RELACIONAMENTO CHINA-BRASIL NO CAMPO ECONÔMICO**

### **4.1 O STATUS QUO E MUDANÇAS**



Em 15 de agosto de 1974, a China e o Brasil estabeleceram oficialmente relações diplomáticas. Desde então, as relações amistosas e cooperativas entre a China e o Brasil nos campos da política, economia, comércio, ciência e tecnologia, cultura e educação foram amplamente desenvolvidas. 1993 foi um nó importante no desenvolvimento das relações entre os dois países, sendo o Brasil o primeiro país em desenvolvimento a estabelecer uma parceria estratégica com a China.

Entranto, no Século 21, o desenvolvimento das relações China-Brasil aulerau-se. os dois países mantêm freqüentes intercâmbios de alto nível e mantêm estreita cooperação em vários assuntos internacionais, nas principais questões internacionais e regionais, nas Nações Unidas, na OMC, no G20, nos BRICS e em outras organizações internacionais. Como importantes país es paro o desenvolvimento global e representantes des economias emergentes, a China e o Brasil compartilham amplos interesses em comum no desenvolvimento econômico. Especialmente no contexto geral da economia global e do fato de que os dois países estão buscando novas formas de crescimento econômico para lidar com as dificuldades, assim o desejo dos dois lados de aprofundar a cooperação econômica e comercial tornou-se mais forte. Atualmente, as relações econômicas e comerciais entre os dois países estão cada vez mais próximas, e a cooperação econômica e comercial bilateral entrou em um estágio de desenvolvimento rápido e estável.

#### **4.1.1 Estatuto econômico, comercial e de investimento**

Desde os anos 1980, o Brasil é o maior parceiro comercial da China na América Latina e, em 2013, o comércio da China e do Brasil representar 34,5% do comércio total entre a China e a América Latina. (Wang Fei 2017)

Ao mesmo tempo, o Brasil se tornou um dos dez principais parceiros comerciais da China nos últimos anos. No geral, o crescimento do comércio entre a China e o Brasil é um crescimento bidirecional e estável. De 1999 a 2013, as exportações do Brasil para a China alcançaram um crescimento de 670%, enquanto o aumento acumulado do Brasil das importações da China chegou a 420%. Em 2011, o superávit comercial entre o Brasil e a China chegou a 11,5 bilhões de dólares, cerca de 39% do superávit total no comércio exterior do Brasil naquele ano. A participação das importações Brasileiras da China em suas importações totais aumentou de 1,75%, em 1999, para 15,57%, em 2013. A proporção das exportações Brasileiras para a China em relação às exportações totais aumentou de 1,41%, em

1999, para 19,01%, em 2013. O Brasil sempre foi o maior parceiro comercial da China na América Latina.

Do ponto de vista da estrutura comercial, China e Brasil refletem duas situações completamente diferentes. Embora os produtos de exportação do Brasil para a China tenham sido enriquecidos nos últimos anos, eles permaneceram concentrados em um número limitado de produtos primários e produtos manufaturados e ocupar cerca de 50% das exportações do Brasil para a China em 2006. Em 2009, chegou a atingir 90%. Em 2013, a soja e o minério de ferro representaram 70% das exportações Brasileiras para a China.

Pelo contrário, a estrutura de produto das exportações da China para o Brasil apresenta uma situação completamente diferente. As exportações da China para o Brasil estão concentradas em produtos manufaturados industriais com um conteúdo tecnológico relativamente alto.

Com o rápido desenvolvimento do comércio bilateral entre a China e o Brasil, o investimento bilateral também entrou em uma nova fase. O investimento da China no Brasil cresce rapidamente. De 2007 a 2012, a China investiu mais de 60 projetos no Brasil, totalizando \$ 68,5 bilhões. Em suma, as relações econômicas e comerciais entre a China e o Brasil alcançaram um desenvolvimento rápido nos últimos 10 anos.

#### **4.1.2 Características recentes e mudanças nas relações econômicas e comerciais.**

Nos últimos anos, devido à situação internacional e à transformação da economia chinesa, as relações econômicas e comerciais entre a China e o Brasil mostraram novas características e mudanças.

Crescimento mais lento no comércio. De acordo com as estatísticas do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior do Brasil, a taxa média de crescimento do comércio bilateral entre a China e o Brasil nos últimos cinco anos é menos da metade da taxa de crescimento em 2003-2008.

Exportações Brasileiras de produtos agrícolas para a China crescem rapidamente. Nos últimos 10 anos, o comércio de produtos agrícolas da China e do Brasil mostrou uma forte vitalidade. De 2007 a 2010, as exportações agrícolas Brasileiras para a China aumentaram de US \$ 3,5 bilhões para US \$ 11 bilhões. Em 2011, atingiu 16,5 bilhões de dólares, representando 17,7% das exportações agrícolas Brasileiras.

Em 2013, a China importou 22,88 bilhões de dólares em produtos agrícolas do Brasil, e a China substituiu a Europa e os Estados Unidos como o maior mercado de exportação de produtos agrícolas do Brasil. Os três principais produtos agrícolas exportados são soja, frango e carne de porco. Nos últimos anos, as exportações Brasileiras de soja para a China ultrapassaram a soma das exportações Brasileiras de soja para outros mercados. Portanto, pode-se prever que o comércio agrícola se tornará gradualmente um dos principais motores que promoverão o desenvolvimento futuro do comércio bilateral entre a China e o Brasil.

O investimento da China no Brasil apresenta uma tendência diversificada. Devido à expansão da classe média no Brasil e à liberação do potencial de consumo do mercado, as empresas chinesas começaram a prestar mais atenção ao mercado consumidor Brasileiro. Impulsionado pela Copa do Mundo de 2014 e pelos Jogos Olímpicos de 2016, o Brasil entrou agora em grande escala em atualizações e expansões de infraestrutura, o que também atraiu empresas chinesas de máquinas e equipamentos para entrar no Brasil. Ao mesmo tempo, o investimento da China na indústria de serviços Brasileira aumentou significativamente, especialmente no setor de serviços financeiros.

#### **4.1.3 Cooperação e Concorrência**

De acordo com uma análise objetiva, o crescimento da cooperação econômica e comercial da China com o Brasil atende parcialmente à demanda Brasileira por capital internacional. Especialmente em infra-estrutura, agricultura e indústrias de alta tecnologia.

Apesar disso, como ambas as economias são emergentes, o Brasil e a China enfrentam o desafio de abrir mercados no exterior e promover a internacionalização de empresas, o que significa que a competição comercial é inevitável. Por exemplo, os produtos industriais Brasileiros são exportados principalmente para os três principais mercados da América Latina, África e Estados Unidos da América. No entanto, o Brasil encontrou forte concorrência de produtos industriais chineses nesses mercados tradicionais no exterior.

De acordo com estatísticas da Federação Brasileira da Indústria, 52% das empresas Brasileiras que competem com produtos chineses no Brasil têm o problema de diminuir a participação de mercado. Em empresas Brasileiras que competem com produtos chineses no mercado internacional, 58% das empresas

enfrentam o problema da redução da participação de mercado. Além disso, as grandes empresas são mais afetadas pelos produtos chineses do que as por extenso, tanto no mercado doméstico quanto no internacional. Do ponto de vista da indústria, os produtos têxteis, máquinas e produtos siderúrgicos são os setores mais afetados pelos produtos chineses, sendo que 80% dos exportadores desses três grandes produtos sofrem uma queda no mercado.

Embora ainda haja evidências insuficientes para mostrar que a redução da participação de mercado dos produtos acabados industriais Brasileiros está intrinsecamente ligada aos produtos chineses, a estrutura industrial das exportações dos dois países para esses mercados tem um grau semelhante de similaridade. Em particular, a América Latina, a África e os Estados Unidos são os três mercados industriais tradicionais para produtos industriais Brasileiros. Devido à vantagem de preço, os produtos chineses constituem uma maior competição pelos produtos Brasileiros. E pode-se prever que, com o fortalecimento da competitividade industrial e da capacidade de inovação científica e tecnológica no Brasil, essa relação competitiva entre a China e o Brasil inevitavelmente se intensificará ainda mais.

Em termos de investimento no exterior, há certas semelhanças na distribuição industrial de investimentos no exterior entre a China e o Brasil, por exemplo, energia, infraestrutura e agricultura são áreas prioritárias para investimento estrangeiro pelos dois países, o que determina que os dois países também tenham uma relação competitiva no investimento estrangeiro. De fato, essa competição complexa já se manifestou na África e na América Latina, porque o investimento dos dois países nessas duas regiões se concentrou em infraestrutura e energia. Portanto, pode-se especular que, com a aceleração da internacionalização das empresas chinesas e Brasileiras e a implementação da política de “ir global” dos dois governos para incentivar grandes empresas, a relação competitiva entre os dois países no campo do investimento no exterior provavelmente será ainda mais complicada.

#### 4.2 DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS NATURAIS NO BRASIL: O PAPEL DA CHINA

A cooperação sino-Brasileira no campo da energia tem uma base profunda e amplas perspectivas de desenvolvimento, mas, por razões históricas e práticas, começou relativamente tarde e começou a se desenvolver gradualmente nos anos 80. Depois de entrar no novo Século, a cooperação energética entre os dois países

entrou gradualmente em uma boa situação e alcançou uma série de resultados notáveis. Nos últimos anos, com a proeminente posição de energia no planejamento do desenvolvimento de médio e longo prazo do país, a cooperação no campo energético tornou-se cada vez mais uma parte importante da estratégia de desenvolvimento dos dois países.

O comércio de energia entre os dois países também começou a partir do início do Século 21 e se desenvolveu rapidamente nos últimos anos. Atualmente, a cooperação entre as duas partes no domínio da energia inclui principalmente o desenvolvimento conjunto de petróleo nas profundezas oceânicas e a colocação em joint venture de oleodutos e gasodutos. Aproveitando a tecnologia de exploração de petróleo de alto mar líder mundial, de propriedade do Brasil a cooperação bilateral de petróleo também está progredindo sem problemas.

De um modo geral, a cooperação entre a China e o Brasil no campo energético tradicional alcançou um rápido desenvolvimento e manteve um bom momento de desenvolvimento nos últimos anos. No entanto, as potenciais vantagens da complementação energética entre os dois lados não foram totalmente aproveitadas, já que as reservas provadas de petróleo e gás no Brasil continuam aumentando e a capacidade de exploração de petróleo e gás continua aumentando, o que proporcionará melhores oportunidades para empresas chinesas entrarem no Brasil.

Além disso, com a proposta e implementação da estratégia de diversificação de fonte de energia da China, no final do Século 20, o desenvolvimento e utilização de fontes alternativas de energia pelo governo chinês foi gradualmente colocado em pauta e a cooperação com o Brasil, também um grande consumidor de energia, evoluiu gradualmente. o Brasil desenvolveu tecnologia de etanol de cana de açúcar, combinado com o rápido desenvolvimento da indústria de energia eólica tanto na China quanto e no Brasil. Os dois lados têm necessidades mútuas e complementaridade, com ênfase em energia.

#### **4.2.1 O mais recente desenvolvimento da economia Brasileira**

De 2000 a 2010, o PIB per capita do Brasil cresceu a uma taxa de 2,38% ao ano. Essa taxa média de crescimento é particularmente digna de comemoração após 20 anos de crescimento estagnado no Brasil, que experimentou uma enorme crise no saldo de pagamentos. Uma das características importantes do recente

crescimento é a capacidade de refletir a capacidade do país de superar as restrições de saldos de pagamentos que afetaram o Brasil em qualquer período histórico.

O Brasil pode realizar um enorme superávit comercial devido ao seu crescimento extremamente alto nas exportações (calculado em valor presente de dólares americanos, excedendo 33% ao ano entre 2000 e 2013). O aumento das exportações Brasileiras deveu-se ao forte aumento das exportações (aumento de 89% de 2000 a 2013 e da média mundial de 57%), e o aumento geral nos preços de mercadorias contribuiu para o aumento dos termos de troca no Brasil. De 1996 a 2012, a participação da China no mercado mundial aumentou de 2,5% para 10,4%, mas o mercado chinês tem um papel mais significativo no Brasil.

Em 1996, apenas 2,3% das exportações Brasileiras estavam direcionadas ao mercado chinês, em 2013, esse número aumentou para 20,5%, e a China se tornou o mercado de exportação mais importante do Brasil. Por um lado, o crescimento da economia chinesa significou um aumento na demanda por recursos naturais, por outro lado, o aumento na demanda por produtos de recursos naturais levou a um aumento no preço das commodities, o que resultou em ganhos gerais nos termos de troca no Brasil.

Obviamente, o Brasil adquiriu competitividade em recursos naturais nos últimos anos. Em 1980, os recursos naturais do Brasil representavam 6,4% do total das exportações mundiais de recursos naturais e não incluíam petróleo, aumentando para 7% em 1990, para 8,2% em 2000 e para 13,4% em 2010.

#### **4.2.2 Tipos de exportações Brasileiras para a China**

A primeira impressão das mudanças na estrutura de produtos das exportações Brasileiras é a mudança para produtos mais primários. Os produtos Brasileiros são divididos em três categorias: produtos básicos, semi-acabados e acabados. De 1996 a 2001, a participação dos produtos acabados caiu de 60% para 40%.

Em 2000, as indústrias inovadoras do Brasil representaram quase 30% do total das exportações e, em 2013, sua participação foi inferior a 20%. A participação da manufatura tradicional diminuiu de cerca de 17% para menos de 8%. Petróleo, gás natural e produtos agrícolas se tornaram o maior aumento nas exportações.

De fato, a estrutura de exportação do Brasil para o mundo não mudou significativamente na ausência do mercado chinês. A única diferença é o declínio acentuado da participação da manufatura tradicional e o aumento da participação das exportações de petróleo e gás natural. O mais importante é que a estrutura das exportações de commodities ainda é basicamente a mesma.

#### **4.2.3 O papel da China**

Na primeira década do Século XXI, o Brasil experimentou uma alta taxa de crescimento novamente. As condições comerciais favoráveis no Brasil são principalmente devido à excelente demanda da China, especialmente a demanda por recursos naturais.

A China tem uma escassez de recursos e demanda enorme, e considerando o planejamento de longo prazo da estratégia energética da China, deve fortalecer a cooperação com o Brasil neste campo. As empresas chinesas devem explorar suas próprias idéias e tentar participar da exploração, desenvolvimento, produção, armazenamento e comercialização de recursos brasileiros de várias maneiras, incluindo propriedades individuais, joint ventures e participações, ao mesmo tempo em que devem ter uma visão de longo prazo e não limitar a cooperação ao petróleo, gás natural e carvão.

Em termos de fontes de energia tradicionais, é também necessário concentrar-se na cooperação em novas fontes de energia renováveis, como energia nuclear e energia limpa. Além disso, o Brasil é bem desenvolvido em fundição, pesquisa em águas profundas e desenvolvimento de energia renovável, e deve fortalecer sua cooperação em tecnologia.

No entanto, os críticos acreditam que houve uma complementaridade desfavorável entre a China e o Brasil, uma vez que a China começou a se concentrar na montagem de produtos, enquanto o Brasil ainda permanece no nível de exportação de recursos naturais, o que dá origem a desindustrialização no Brasil.

#### **4.3 RELAÇÕES ASSIMÉTRICAS DE INVESTIMENTO DIRETO**

Em geral, os bens manufaturados industriais do Brasil são mais fracos do que os produtos chineses, impulsionados por um forte senso de protecionismo comercial, para proteger a produção doméstica e as indústrias manufatureiras do impacto dos

produtos chineses, o atrito comercial entre os dois lados é cada vez mais problemático.

Destaca-se que concentrado nas freqüentes investigações antidumping do Brasil sobre as exportações chinesas, medidas de proteção comercial e investigações especiais de salvaguardas e outras medidas comerciais. Embora o Brasil tenha reconhecido o status de economia de mercado total da China em 2004, ainda é um dos países com as medidas mais anti-dumping contra a China. A China é também um dos principais alvos das medidas de proteção ao comércio exterior do Brasil.

#### **4.3.1 A situação atual e as características do investimento direto da China no Brasil**

O investimento direto da China no Brasil é relativamente pequeno e seu início é relativamente tardio, mas está se desenvolvendo rapidamente. Até a década de 1980, a China passou a investir mais tempo no Brasil do que nos países desenvolvidos. No entanto, o investimento da China no Brasil cresceu rapidamente e aumentou gradualmente em poucas décadas. Especialmente desde 2000, o entusiasmo das empresas chinesas em investir no Brasil cresceu rapidamente.

Em 2010, a China tornou-se a maior fonte de investimento estrangeiro direto no Brasil. Em 2010, o Brasil absorveu fundos de investimentos diretos totalizando US \$ 48,506 bilhões, dos quais a China foi de aproximadamente US \$ 17 bilhões. Em 2011, o Brasil atraiu investimentos diretos de 66,66 bilhões de dólares, tornando-se o quarto maior país absorvente de por extenso do mundo, atrás da UE, da China e dos Estados Unidos.

Hoje, existem basicamente três modelos de empresas chinesas que entram no mercado Brasileiro: fusões e aquisições, joint ventures e investimentos greenfield.

De 2007 a 2012, a maioria das empresas chinesas que pretendam investir no Brasil afirmaram entrar no Brasil com um modelo de investimento greenfield, que atingiu 57%. As empresas chinesas realizaram avaliações e inspeções no Brasil e selecionaram locais adequados para a instalação de locais de produção, uma das vantagens de entender melhor a demanda do mercado local Brasileiro por mercados externos e entender as preferências dos consumidores Brasileiros.

Além disso, as empresas chinesas que entram no Brasil na modalidade de investimento greenfield podem efetivamente reduzir os custos de transporte e os



custos das tarifas, além de trazer benefícios potenciais para o desenvolvimento econômico doméstico no Brasil, estimulando o desenvolvimento das indústrias domésticas Brasileiras e proporcionando mais aos Brasileiros. Oportunidades de emprego alcançaram benefícios mútuos e resultados ganha-ganha.

As fusões e aquisições transfronteiriças são outro modelo importante do mercado Brasileiro de investimento direto das empresas chinesas, que representou, entre 2007 e 2012, 35% do total de empresas Brasileiras que investem diretamente em empresas chinesas.

Uma forma mais conveniente e flexível para as empresas chinesas entrarem no mercado Brasileiro é investir diretamente no Brasil através de fusões e aquisições transfronteiriças, uma das vantagens deste modelo é encurtar o ciclo de construção e o ciclo de investimento dos projetos das empresas Brasileiras no Brasil para melhor entender o mercado Brasileiro.

Além disso, as fusões e aquisições transfronteiriças favorecem a expansão do escopo de negócios e a diversificação das empresas chinesas no Brasil. As empresas chinesas que investem no Brasil precisam continuar expandindo em outros campos, porque as empresas chinesas não têm experiência em produção, vendas e tecnologia quando entram no Brasil, e podem aprender as habilidades e conhecimentos de gestão de empresas Brasileiras através de fusões e aquisições de empresas Brasileiras.

Em 2010, houve um novo modelo de investimento direto em empresas chinesas no Brasil - uma joint venture, de 2010 a 2012, cinco joint ventures investiram em projetos Brasileiros, que representaram 8% do total de investimentos diretos de empresas chinesas no Brasil.

A maioria das empresas chinesas que investem diretamente no Brasil está localizada no sudeste do País. As empresas chinesas que investem diretamente nas três regiões economicamente desenvolvidas de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais respondem por 62% do investimento direto total. Entre elas, extração de energia e mineração nas duas regiões do Rio de Janeiro e Minas Gerais respondem pela maioria. Vale ressaltar que as regiões da Bahia e de Pernambuco, no nordeste do Brasil, têm atraído um grande número de investimentos diretos das empresas chinesas na região nos últimos anos. O investimento direto de empresas chinesas lhes trouxe capital, infraestrutura e oportunidades de trabalho. Além disso, o

investimento direto das empresas chinesas no centro oeste do Brasil, rico em recursos, também tem sido bastante ativo nos últimos anos.

O investimento direto da China no Brasil é distribuído principalmente nas indústrias de manufatura, recursos naturais e serviços. Entre eles, automóveis, máquinas e equipamentos e projetos eletrônicos e elétricos responderam por 43% do total dos projetos de investimento, seguidos pelos setores de petróleo e gás, telecomunicações e bancos.

A distribuição do investimento direto da China no Brasil tem duas características principais: primeiro, os projetos de investimento têm vantagens que promoveram a integração econômica e a facilitação do comércio entre a China e o Brasil. A segunda é que as empresas Brasileiras apoiadas pela China elaboram novas estratégias para o desenvolvimento industrial no País. As empresas chinesas entraram no mercado Brasileiro para integrar importações chinesas com produtos Brasileiros, criando potenciais vantagens de baixo custo para novos produtos.

O investimento direto da China nos setores industriais do Brasil, como as indústrias de petróleo, gás natural, mineração e agricultura, impulsionou as exportações Brasileiras para a China. As empresas chinesas também investiram muitos projetos em construção de infraestrutura no Brasil, o que promoveu o comércio entre os dois países e economizou custos de logística. Além disso, na indústria automotiva, as montadoras chinesas ocuparam o mercado Brasileiro nas áreas de compactos e micro-carros do Brasil por suas vantagens competitivas, como configuração de baixo custo e luxo, trazendo cada vez mais desafios a outros competidores.

No geral, o modelo de investimento das empresas industriais chinesas no Brasil mostra que as peças de reposição são produzidas na China e montadas no Brasil, de modo a obter economia de custo e maiores vantagens competitivas.

#### **4.3.2 O status quo e as características do investimento direto brasileiro na China**

A principal forma de investimento direto do Brasil na China é o estabelecimento de escritórios de representação, escritórios de serviços e oficinas de produção. Devido ao manuseio rápido e fácil dos escritórios de representação, não há requisitos rigorosos para o investimento de capital, e a gestão de

acompanhamento é relativamente simples: 40,4% das empresas Brasileiras optam por montar escritórios de representação na China.

A distribuição regional do investimento direto do Brasil na China é relativamente concentrada, principalmente nas áreas costeiras orientais da China, estendendo-se para o norte até a cidade de Harbin na província de Heilongjiang e para o sul até Shenzhen e Guangzhou. Oitenta por cento das empresas Brasileiras que investem na China escolheram a Zona Econômica do Delta do Rio Yangtze, atualmente relativamente desenvolvida no Continente.

A região do Delta do Rio Yangtze é uma das principais áreas de desenvolvimento econômico da China, com vantagens geográficas muito importantes, uma base econômica sólida e uma longa história de acumulação humanística. No entanto, com o rápido desenvolvimento da zona econômica no Delta do Rio Yangtze, os custos de produção, como terra e mão-de-obra, também aumentaram, e algumas empresas Brasileiras que precisam de oficinas começaram a considerar a mudança para o continente chinês, onde os custos de produção são relativamente baixos.

A distribuição da indústria de investimentos diretos do Brasil para a China é dominada pela indústria terciária, seguida pela indústria secundária. No investimento direto do setor terciário, as vendas são principalmente utilizadas.

Os dados mostram que mais de 70% do investimento direto Brasileiro na China está concentrado em consultoria de negócios, trading companies, distribuição e vendas e compras. Entre as 17 empresas Brasileiras que investem na fabricação na China, mais da metade das empresas estão envolvidas na aquisição de produtos e componentes, o que aumentou as exportações Brasileiras para os países asiáticos. Pela primeira vez, mais de 80% das 12 empresas Brasileiras que se dedicam ao processamento de recursos naturais na China buscam compradores no mercado chinês e vendem seus produtos acabados, que vão desde o minério de ferro até a soja e a carne.

#### **4.3.3 A razão direta pela qual China e Brasil têm investimento direto mútuo não é igual.**

O investimento direto da China no Brasil e o investimento direto do Brasil na China não são equilibrados. Em 2005, o saldo do investimento direto mútuo entre a China e o Brasil foi de \$ 0,04 bilhão. Em 2007, a cota de investimento direto da

China para o Brasil foi o dobro da cota de investimento direto do Brasil para a China. Chegou a 6 vezes em 2010 e atingiu 20 vezes em 2012.

Devido à influência das políticas domésticas e da história na China e no Brasil, existem muitas restrições no investimento direto entre os dois países.

Sobre a localização, para efetivamente evitar custos de transação externos, uma empresa multinacional em um país escolherá países ou regiões com localizações geográficas semelhantes para investir e poderá usar estratégias internas de transferência de preços para buscar mais lucros para empresas e estabelecer pontos em países ou regiões próximas. As empresas podem reduzir os custos de transporte e os custos de tempo das transações de commodities e ajudar a melhorar a eficiência interna das empresas multinacionais, portanto, sob condições externas semelhantes, as corporações multinacionais geralmente optam por investir em países ou regiões vizinhas. Como o Brasil faz fronteira com quase todos os países da América do Sul, a região da América do Sul tornou-se o principal alvo de investimento direto estrangeiro para corporações multinacionais no Brasil. Seguido pelos Estados Unidos e Canadá. Como o Brasil e a China estão geograficamente distantes, a distância geográfica entre o investimento mútuo do Brasil e da China se tornou uma restrição natural. (Wen Zhuojun 2015)

Quanto à história, o Brasil costumava ser uma colônia de Portugal. O idioma oficial é o português. O Brasil tem origens históricas de longo alcance e ligações culturais com países europeus. A Europa é também o segundo maior local de investimento para empresas brasileiras, incluindo Holanda, Espanha, Reino Unido, Itália e Suíça. O investimento direto do Brasil nos países asiáticos é relativamente pequeno, mas mantém relações comerciais estreitas com o Japão. De 2002 a 2012, com exceção de 2010, o Japão entrou no top 20 dos rankings de investimentos estrangeiros diretos do Brasil. As origens históricas e culturais do Brasil e do Japão podem ter contribuído para esse fenômeno.

Já no Século 16 a 18, o Brasil, que tinha uma grande quantidade de terra, mas poucas aprovações domésticas, havia alcançado uma série de acordos de imigração com o Japão que acabara de passar pela Restauração Meiji. Depois que os imigrantes do Japão chegaram ao Brasil, eles fizeram grandes contribuições para o desenvolvimento e o desenvolvimento do Brasil e até mesmo controlaram a segurança econômica nacional do país. As relações entre o Brasil e o Japão são históricas, em particular o Brasil é afetado por descendentes de japoneses e

japoneses, e há muitos projetos de cooperação com investimento direto japonês em países asiáticos.

Acerca da estrutura industrial, em comparação com a maioria dos países do mundo, os setores primário e secundário chinesas na atual estrutura industrial, são responsáveis por uma alta proporção do PIB, e a proporção do setor terciário é relativamente baixa.

Após a década de 1960, a indústria terciária nos países desenvolvidos desenvolveu-se rapidamente, e sua participação no PIB ultrapassou os 60%. Em 2012, a participação da China foi de apenas 44,6%. Como a China e o Brasil são grandes países na agricultura, ricos em terra e recursos, e o investimento estrangeiro direto do Brasil é principalmente em produtos agrícolas, minerais e indústrias de serviços, e o Brasil e a China têm estruturas industriais semelhantes, as necessidades complementares dos dois lados não são altas. Veja a Europa de novo como exemplo, o setor de serviços é o pilar da economia nacional holandesa, que representa 74% do PIB. Em 2012, a Holanda ultrapassou os Estados Unidos como o maior país estrangeiro de investimentos diretos do Brasil.

Acerca do ambiente de investimento, o fraco ambiente no Brasil também é um dos principais fatores que impedem as empresas chinesas de investir no Brasil. A julgar pelo ambiente político, o sistema geral de tributação do Brasil é mais complicado e a carga tributária é um pouco mais pesada. Além disso, a eficiência do governo não é alta, e as leis e regulamentos são complicados e muitas vezes promulgam medidas temporárias. Esses fatores desfavoráveis acarretarão o aumento de seu índice de risco nacional e o aumento dos riscos de investimento. Além disso, o emprego e demissão de funcionários sob as leis trabalhistas do Brasil é difícil, as disputas de Laozi ocorrem de tempos em tempos e causam riscos de gestão para a empresa.

Do ponto de vista econômico, a taxa de juros do Brasil é relativamente alta, ficando entre as quatro maiores do mundo. O Banco Central do Brasil e o comunicado divulgado em 17 de março de 2014 mostram que a taxa básica de juros do Brasil é de 11%. As altas taxas de juros no Brasil aumentaram os custos de financiamento das empresas. Olhando para o ambiente cultural, a qualidade geral da força de trabalho no Brasil e a qualidade das pessoas são desiguais. O nível

educacional do dinheiro remoto no Brasil é relativamente baixo. Estes fatores têm, em certa medida, aumentado o risco de empresas chinesas investirem no Brasil.

#### 4.3.4 Inferenciar

O investimento direto mútuo desempenhou um papel fundamental nas relações econômicas entre a China e o Brasil nas últimas décadas, aumentando gradualmente o grau de cooperação econômica entre a China e o Brasil. No entanto, o desenvolvimento do investimento direto entre os dois lados tem muitas limitações. (Zhou Zhiwei 2017)

No geral, a situação “ganha-ganha” do desenvolvimento econômico China-Brasil é mais provável de ser alcançada por meio de canais de investimento diretos. O investimento direto pode trazer muitos benefícios para ambos os países. Enquanto os investidores se beneficiam, também enriquece o capital do país anfitrião e impulsiona estado anfitrião. A demanda doméstica levou ao emprego do país anfitrião. Tanto a China quanto o Brasil devem perceber que, seja aumentando o investimento do Brasil na China ou aumentando o investimento da China no Brasil, isso não é apenas um ganho unilateral para o país, mas uma situação ganha-ganha. Na atual situação em que o Brasil e a China não estão investindo diretamente nos investimentos um do outro, deve-se ressaltar a importância do investimento direto do Brasil na China e incentivar as empresas Brasileiras a investir na China por meio de medidas efetivas. China e Brasil mantêm suas respectivas posições sobre o tema das relações mútuas de investimento direto entre os dois países. Tanto a China como o Brasil devem resolver ativamente os problemas e superar as dificuldades com base no princípio da igualdade e benefício mútuo, e trabalhar juntos para o investimento mútuo.

O ambiente econômico da China é mais complexo do que no Brasil. Os investidores na China não devem apenas ter um conhecimento econômico e expectativas para o ambiente mais amplo, mas também ter uma compreensão clara da cultura, política e instituições. Enquanto essa alta volatilidade e os longos horizontes de investimento forem devidamente compreendidos, os mercados emergentes, como a China, têm uma atratividade muito grande em investimento, tanto por direito próprio quanto como uma oportunidade de diversificação. O Banco Mundial estima que a economia chinesa atingirá o nível do "país rico" até 2030.

Para investidores com uma ampla gama de investimentos, isso significa que a China é, na verdade, um mercado oculto dos países desenvolvidos. Portanto, os dois governos podem ajudar as empresas na China e no Brasil a reduzir os riscos de investimento devido à falta de entendimento de idioma, políticas e informações de mercado por meio do estabelecimento de uma plataforma de informações. Ao mesmo tempo, os dois lados assinaram acordos de livre comércio relevantes para resolver o problema de taxas de tributação direta excessivamente altas e vários tipos de tributação entre a China e o Brasil, e também para melhorar o sistema de seguro de investimento e evitar o risco de investimento estrangeiro direto devido a questões políticas. Os governos de ambos os lados mantêm uma boa relação entre política e economia, usam a política para impulsionar a economia e promovem a economia para promover um círculo virtuoso de cooperação política.

#### 4.4 PROTEÇÃO COMERCIAL E ATRITO COMERCIAL

Como potência de produção no mundo, a capacidade de exportação da China não pode ser subestimada. Em 2001, as exportações da China para o Brasil foram de apenas US \$ 1,35 bilhão e, em 2013, subiram acentuadamente para US \$ 36,19 bilhões, um aumento de quase 27 vezes em pouco mais de uma década. Em dezembro de 1989, o Brasil primeiro impôs o antidumping às exportações chinesas. Desde então, o Brasil aplica antidumping em vários tipos de mercadorias chinesas todos os anos.

Em 12 de novembro de 2004, durante a visita do presidente chinês Hu Jintao ao Brasil, os dois governos assinaram o Memorando de Entendimento sobre Cooperação em Comércio e Investimento entre a República Popular da China e a República Federativa do Brasil em Brasília. Embora o governo Brasileiro reconhecesse oficialmente o status de economia de mercado da China no memorando, ele não parou ou reduziu o antidumping contra os produtos chineses. Responder com medidas protecionistas de comércio, como o antidumping, é um preconceito brasileiro contra a China.

Por exemplo, diz-se que a China não é um parceiro estratégico do Brasil, a China só quer comprar recursos da América Latina e exportar bens de consumo para a América Latina. especula-se até que o reconhecimento do governo Lula do status de economia de mercado da China seja um erro. De fato, as exportações da China para o Brasil são uma atividade empresarial extremamente comum e parte

integrante das relações econômicas e comerciais entre os dois países. Os baixos custos trabalhistas da China levaram a exportações mais baratas. Isso ajudará a enriquecer a oferta do mercado no Brasil e também a controlar a inflação.

#### **4.4.1 A situação atual e características básicas**

Em 2013, o volume de comércio entre a China e o Brasil aumentou dos US \$ 17 bilhões iniciais para US \$ 83,3 bilhões. De acordo com dados divulgados pela China Customs, as importações totais da China do Brasil em 2013 foram de US \$ 46 bilhões, um aumento de 10,8% em relação a 2012, e as principais importações foram soja, aço, celulose, óleo de soja, óleo vegetal comestível, chapas de aço e petróleo bruto; As exportações totais para o Brasil somaram US \$ 37,3 bilhões, um aumento de 8% em relação ao ano anterior, principalmente exportações de produtos mecânicos e elétricos, coque de carvão, produtos elétricos e eletrônicos, têxteis, produtos de alta tecnologia, máquinas e equipamentos, tecnologia eletrônica, diodos e semicondutores etc. O déficit comercial é de 8,7 bilhões de dólares norte-americanos. O crescimento contínuo do comércio entre a China e o Brasil estimulou a crescente posição comercial da China com o Brasil. Em 2009, a China se tornou o maior parceiro comercial do Brasil.

No entanto, as frequentes medidas antidumping do Brasil contra produtos chineses restringiram o rápido desenvolvimento do comércio bilateral entre a China e o Brasil. De acordo com as estatísticas do Ministério do Comércio da China, de dezembro de 1989 a abril de 2014, o Brasil lançou um total de 94 investigações antidumping sobre produtos chineses-chineses, envolvendo mecatrônica, produtos químicos, têxteis, produtos vidreiros, plásticos, equipamentos médicos e produtos de borracha. O Brasil é um dos países com as medidas antidumping mais frequentes contra produtos chineses na América Latina, O atrito comercial do Brasil com a China tem ocorrido frequentemente, principalmente devido ao declínio acentuado da economia Brasileira em 2012, ajuste das políticas industriais domésticas e políticas econômicas no Brasil e, ao mesmo tempo, sob a crise econômica, a tendência do protecionismo comercial aumentou significativamente e a voz da proteção comercial Brasileira aumentou.

O atrito comercial entre a China e o Brasil está concentrado principalmente nas indústrias químicas, metalúrgicas e de borracha, que representaram 61% do total. Estes produtos são em sua maioria de uso intensivo de mão-de-obra e os



preços são relativamente baixos, e o Brasil é muito bom em usar as regras e mecanismos relevantes da Organização Mundial do Comércio para resolver disputas comerciais, o que resulta em investigações antidumping no Brasil. Do ponto de vista do atrito do comércio global, a atual concorrência comercial da China depende da concorrência de quantidade e preço, e a inovação tecnológica e o desenvolvimento das capacidades de marketing das empresas estão ficando para trás. Como uma potência global de manufatura, o papel da China no comércio internacional tornou-se cada vez mais desenfreado.

De 1995 a 2013, a China tem sido o país do mundo com mais investigações mais anti-dumping por 18 anos consecutivos. De 2008 a abril de 2014, no caso de ações judiciais antidumping que ocorreram entre a China e o Brasil, o Brasil é, em sua maioria, uma parte promotora, e a China é, em sua maioria, um litigante. Entre os atritos comerciais do Brasil, a China tem sido o país com maior frequência de litígios no Brasil. O Brasil tem uma posição dominante nos processos de contencioso comercial por atrito da China, ganhando mais do que perdendo o caso, e os requerimentos do processos no Brasil são relativamente fortes.

#### **4.4.2 Causas de atrito comercial**

As diferenças na estrutura industrial, existem diferenças na estrutura industrial entre a China e o Brasil, mas as diferenças na estrutura industrial entre a América Latina e a China, como China, México, China e Colômbia, não são óbvias, uma das razões para o aumento do atrito comercial entre a China e o Brasil. Embora o comércio bilateral entre o Brasil e a China seja complementar, comparado com as estruturas de commodities de exportação dos principais parceiros comerciais, como Estados Unidos, Japão e Holanda, as principais estruturas de commodities de exportação da China e do Brasil ainda têm grandes coincidências. Tanto a China quanto o Brasil, países em desenvolvimento, têm fortes semelhanças em sua estrutura econômica e vantagens competitivas.

Os produtos chineses são favorecidos pelo mercado brasileiro com suas vantagens de baixo custo e baixo preço. Considere a indústria de calçados como um exemplo: a exportação chinesa de produtos de calçados brasileiros tem um mercado muito grande no Brasil, fazendo com que a indústria de calçados brasileira encolha, afetando a produtividade e a taxa de emprego da indústria no Brasil. Nas condições atuais da globalização econômica, commodities com vantagens competitivas em

vários países circulam pelo mundo, e pode haver atrito entre competição e conflitos de interesse.

Em particular, quando commodities chinesas de alta qualidade e pouco dispendiosas inundaram o mercado brasileiro, como um país com um protecionismo comercial relativamente sério, o governo brasileiro implementou medidas antidumping e outras medidas de proteção comercial para produtos chineses para proteger os interesses dos fabricantes nacionais. Os direitos de importação impostos são geralmente de 30% a 80%, e alguns dos bens são de até 100%. Ao mesmo tempo, as medidas de protecionismo comercial do Brasil também foram cumpridas com a responsabilidade de países desenvolvidos como os Estados Unidos, a União Européia e o Japão. Em relatório divulgado pela Organização Mundial do Comércio em 2015, o Brasil foi o país com mais medidas antidumping do mundo em 2013.

A concorrência entre produtos chineses e brasileiros, outra razão para o atrito comercial entre os produtos chineses e brasileiros é a concorrência direta e indireta. Como o maior país em desenvolvimento, a China tem certa concorrência indireta com o Brasil nos mercados internacionais, como as Américas e a Europa. Durante muito tempo, o Brasil sempre desempenhou um papel fundamental nos países da América do Sul. É a maior economia da região e sua escala e crescimento econômico exerceram grande influência nos países membros do Grupo de Comércio do Mercado Comum do Sul. Hoje em dia, com a ascensão da China, é sem saber que o domínio absoluto da economia do Brasil na América do Sul foi gradativamente enfraquecido. Morella, o principal economista comercial do Banco Interamericano de Desenvolvimento, afirmou certa vez: "A China é o principal concorrente do Brasil e a maior ameaça à sua estratégia de expansão industrial". Portanto, no caso de atrito comercial entre os produtos do país e os produtos chineses, o Brasil adotará medidas de proteção comercial contra produtos chineses, fará uso total das regras do comércio internacional e ganhará vantagens nas disputas comerciais entre a China e o Brasil.

A razão por trás disso é que a economia brasileira tem visto uma tendência de "industrialização reversa" nos últimos anos, e a produção industrial e as exportações continuaram a declinar. Como resultado, o Brasil naturalmente culpa o declínio da produção e das exportações pela concorrência de produtos chineses, e muitas vezes acusa a China de capturar o mercado consumidor interno Brasileiro por meio de "práticas comerciais desleais" e "manipulação das taxas de câmbio". No

entanto, "Made in China" não deve se tornar o "bode expiatório" para a desaceleração da produção econômica e industrial do Brasil. Na atual situação em que a atual desaceleração econômica global não pode ser alterada, o Brasil deve começar com suas próprias questões de desenvolvimento econômico, mudar os problemas de alta carga tributária, altas taxas de juros e valorização da moeda e resolver as causas da "industrialização reversa" do Brasil.

Outros fatores estão ligados à taxa de desemprego é um indicador macroeconômico importante, e o efeito de curto prazo da proteção comercial no alívio do emprego doméstico no Brasil é freqüentemente valorizado pelo governo. Estudos mostram que a taxa de desemprego está significativamente relacionada ao número de processos antidumping, e com a alta taxa de desemprego no Brasil, o governo brasileiro tomou a iniciativa de adotar medidas de defesa comercial para proteger o mercado econômico interno, incluindo investigações antidumping sobre produtos estrangeiros.

Os produtos que a China exporta para o Brasil estão concentrados na indústria manufatureira, enquanto a indústria manufatureira ocupa uma proporção maior na estrutura industrial do País. Quando os produtos manufaturados chineses entram em conflito com os produtos manufaturados brasileiros, os produtos da indústria manufatureira Brasileira, o volume de vendas irá inevitavelmente diminuir, o que levará a uma redução no número de empregos relacionados à fabricação de produto. Para o Brasil, um país em desenvolvimento com fortes dificuldades de emprego e mão de obra, o governo inevitavelmente atribuirá grande importância e resolverá questões relacionadas ao emprego. Uma das razões para o atrito comercial com a China nos últimos 10 anos.

#### **4.4.3 Solução de atrito comercial**

Após a crise financeira, o protecionismo comercial global entrou em um período de alta incidência. Novas mudanças ocorreram em termos de proteção comercial, o que terá um impacto maior no ajuste e modernização de estruturas industriais, políticas econômicas e sistemas econômicos em países ao redor do mundo. Nos últimos anos, a taxa de crescimento do comércio exterior da China tem estado em rápido desenvolvimento e tornou-se o maior exportador mundial. Os países do mundo estão considerando seus próprios interesses estratégicos e adotam várias medidas de proteção comercial contra a China para restringir a

exportação de produtos chineses. A China tornou-se o país mais concentrado na implementação de pesquisas comerciais em outras economias. O atrito causado pela competição é inevitável, a China deve ativamente reagir e fazer bons preparativos para lidar com o atrito comercial.

O ajustamento dos preços dos produtos e resposta ativamente às investigações anti-dumping. China está enfrentando uma investigação anti-dumping frequente e severa no Brasil, e esse fenômeno não é fácil de mudar em um curto espaço de tempo. O departamento empresarial brasileiro tem um conjunto de procedimentos de diálogo institucionalizado sobre direitos antidumping e direitos compensatórios e outras políticas. Se o governo brasileiro quiser implementar uma política tarifária sobre produtos chineses, deve passar por esse processo e iniciar um diálogo com a China.

Se uma empresa percebe que o Brasil pode realizar investigações antidumping contra os produtos da empresa, deve primeiro tentar ajustar o preço do produto para que as vendas do produto sejam mantidas ao preço médio do produto no mercado brasileiro e, ao mesmo tempo, o preço do produto é claramente definido para que o inquérito anti-dumping possa ser conduzido. Informações oportunas, precisas e adequadas são fornecidas para tornar a empresa em uma posição favorável. Se o Brasil tiver feito investigações antidumping contra empresas chinesas, as empresas devem se comunicar ativamente com o governo chinês e com advogados do setor e negociar através de múltiplos canais para tentar obter bons resultados.

Sobre o aumento do investimento direto no Brasil, embora o investimento direto da China no Brasil seja relativamente pequeno e seu início seja relativamente tardio, está se desenvolvendo rapidamente em comparação com o investimento estrangeiro dos países desenvolvidos., na década de 1980, a China começou a investir no Brasil.

Depois do Século 21, o entusiasmo das empresas chinesas em investir no Brasil aumentou ainda mais: o investimento direto da China no Brasil alcançou um rápido desenvolvimento em algumas décadas, com um grande número de empresas de investimento e uma ampla cobertura. O uso de investimento direto pode efetivamente evitar atritos comerciais protecionistas do comércio brasileiro contra empresas chinesas.

Aproveitando o rápido desenvolvimento do investimento estrangeiro direto entre a China e o Brasil, por meio do investimento direto, a produção local no Brasil e as vendas locais podem efetivamente alcançar o objetivo de contornar as barreiras comerciais e desacelerar os atritos comerciais. Além disso, o investimento estrangeiro também permite que as empresas chinesas aloquem seus recursos globalmente e atinjam operações internacionais, ao mesmo tempo em que prolongam o ciclo de vida dos produtos através da transferência de gradiente industrial e promovem a melhoria contínua da estrutura industrial doméstica da China. O investimento industrial também é propício para o aprendizado da tecnologia e experiência de gestão do Brasil. ( Jiang Shixue 2016)

A discussão sobre o Estabelecimento da Zona de Livre Comércio China-Brasil, embora a China e o Brasil sejam agora membros da Organização Mundial do Comércio e a OMC ajude a reduzir a fricção comercial entre a China e o Brasil, ambos os países podem enfrentar a atual situação de aumento do atrito comercial. Há uma certa base realista para explorar o estabelecimento de uma zona de livre comércio entre a China e o Brasil. Uma é a grande escala do comércio entre a China e o Brasil.

Em 2012, o comércio bilateral entre a China e o Brasil totalizou 85,72 bilhões de dólares norte-americanos. A China é o maior parceiro comercial do Brasil e o Brasil é também o maior parceiro comercial da China na América do Sul. Em segundo lugar, a China e o Brasil tivemos um grande número de atritos comerciais nos últimos 10 anos. O Brasil é um dos países em desenvolvimento que lançou a maior parte das medidas comerciais contra a China. O Brasil conduziu investigações antidumping sobre produtos chineses em cerca de 100 casos, incluindo produtos mecânicos e elétricos, vidro, produtos químicos, papelaria, têxteis, ferragens e outros produtos.

O estabelecimento de uma zona de livre comércio pode eliminar parcialmente as fricções comerciais, cancelar tarifas entre a China e o Brasil e outras medidas que têm o mesmo efeito das tarifas, estimular o comércio bilateral entre os dois países e ajudar a China a reduzir seu déficit comercial e de exportação com o Brasil. E não há conflito importante entre a China e o Brasil em termos de relações políticas, e eles são consistentes do ponto de vista das principais questões internacionais. China e Brasil, como membros da OMC, têm um claro entendimento das regras do

comércio internacional e são propícios à exploração do estabelecimento de zonas de livre comércio entre os dois países.

Atualmente, a China assinou acordos de livre comércio com três países sul-americanos, incluindo Chile, Peru e Costa Rica, e pode aprender com o livre comércio destes países sobre as vantagens que pode trazer ao estabelecimento de zonas francas na China. Os benefícios aumentarão a disposição da China para construir uma zona livre.

Sobre a vantagens singulares de Macau da China para construir uma plataforma de cooperação económica e comercial entre a China e o Brasil. Devido às suas razões históricas únicas, Macau, China, tem vantagens únicas em língua, cultura e política com o Brasil. Macau tornou-se a principal janela da China para entender a história e a cultura brasileiras.

Nos últimos anos, o rápido desenvolvimento das relações entre a China e o Brasil é inseparável do papel de Macau. O governo da por extenso de Macau tem vindo a utilizar activamente as vantagens linguísticas para se comprometer a construir Macau numa plataforma de cooperação económica e comercial entre a China e os países de língua portuguesa e a promover o desenvolvimento comum da China e dos países de língua portuguesa e de Macau. Macau não só pode servir como intermediário comercial para o acesso do Brasil ao mercado continental chinês, mas também pode servir como uma ponte para as empresas chinesas expandirem o mercado Brasileiro, ajudando as empresas na China continental e, no Brasil, a realizar negócios transfronteiriços e promover o desenvolvimento saudável da China e do Brasil.

#### 4.5 TENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO FUTURO

Em importante discurso realizado em 25 de julho de 2018, o presidente chinês, Xi Jinping, convidado a participar do Fórum Empresarial BRICS, realizado em Joanesburgo, África do Sul, e intitulado "tendência dos tempos para alcançar o desenvolvimento comum", Xi Jinping apontou: "O nascimento e desenvolvimento do mecanismo dos BRICS é o produto das mudanças na economia mundial e da evolução da estrutura internacional." Nos primeiros 10 anos, os BRICS se uniram e os destaques foram brilhantes. Promover a cooperação pragmática em diversas áreas e aprofundar a solidariedade e confiança mútua, melhorar o bem-estar das

peças dos cinco países, os interesses e laços emocionais com a recuperação da economia mundial e voltar a crescer para estabiliza.

Nos próximos 10 anos, serão 10 anos de evolução acelerada do padrão internacional e do contraste de energia. A taxa de contribuição dos países emergentes e dos países em desenvolvimento para o crescimento econômico mundial atingiu 80%. De acordo com o método da taxa de câmbio, a produção econômica total desses países representa quase 40% do mundo. Mantendo a atual velocidade de desenvolvimento será de quase metade do total mundial em 10 anos. O aumento dos países de mercados emergentes e dos países em desenvolvimento tornará o território do desenvolvimento global mais abrangente e equilibrado, e tornará a base da paz mundial mais sólida e estável.

Com base na compreensão do estado atual das relações econômicas e comerciais China-Brasil, podemos fazer as seguintes previsões sobre o futuro desenvolvimento das relações econômicas e comerciais. (Liu Qiang 2016)

#### **4.5.1 Manter um crescimento constante.**

No geral, as relações comerciais China-Brasil alcançaram resultados frutíferos nos últimos 10 anos. A China não apenas garantiu o suprimento de recursos, mas também expandiu a participação de mercado de produtos acabados industriais chineses no Brasil. Ao mesmo tempo, o Brasil se beneficiou enormemente da aceleração das relações econômicas e comerciais entre a China e o Brasil. A grande demanda chinesa por matérias-primas melhorou muito as condições do comércio no Brasil, criando uma estabilidade macroeconômica e respondendo à crise financeira internacional. Portanto, as relações econômicas e comerciais entre a China e o Brasil são mutuamente benéficas e basicamente de acordo com os interesses e objetivos políticos dos dois países para as relações bilaterais.

#### **4.5.2 A estrutura comercial não mudará no curto prazo.**

Embora a China tenha aberto mercados para mais produtos Brasileiros, e os dois governos tenham conduzido uma série de consultas sobre disputas comerciais bilaterais com a China contra disputas comerciais, esses esforços praticamente não mudaram fundamentalmente a estrutura do comércio bilateral. Por um lado, embora

a economia da China esteja desacelerando, dada a escala industrial da China, a escassez de recursos, a acelerada industrialização e a enorme demanda por infraestrutura, a China ainda manterá uma demanda maior por matérias-primas.

Por outro lado, a natureza altamente complementar das economias da China e do Brasil não pode ser modificada a curto prazo e, em particular, o Brasil precisa de uma série de reformas econômicas para alcançar uma melhora no ambiente de investimento e na competitividade industrial. No entanto, a transformação da economia chinesa ajudará a promover o comércio intra-setorial entre a China e o Brasil e, em certa medida, poderá aliviar o desequilíbrio no comércio entre a China e o Brasil.

#### **4.5.3 O Brasil se tornará um dos mercados prioritários para investimentos chineses.**

Atualmente, o investimento da China no Brasil começou a mostrar uma variedade de características. Com a aceleração do processo de internacionalização das empresas chinesas e o aprofundamento da compreensão do mercado interno, do ambiente de investimento e das leis e regulamentos do Brasil, o investimento da China no Brasil continuará sua tendência atual de crescimento rápido. Devido à melhoria da situação macroeconômica no Brasil, à estabilidade da democracia e do sistema legal, à dotação de recursos e ao potencial de captura do consumo, o Brasil continua sendo uma das economias emergentes favorecidas pelos investidores internacionais.

### **4.6 TRANSFORMAÇÃO ESTRATÉGICA DAS RELAÇÕES ENTRE A CHINA E O BRASIL**

#### **4.6.1 Visão do Brasil da China**

A China moderna foi saudada como um "dragão" pelos estudiosos ocidentais por causa de seu poder crescente. Na China, o dragão é um símbolo espiritual e cultural que representa a prosperidade do país. A conexão entre o Brasil e o canarinho foi originalmente derivada da camisa amarela da seleção nacional de futebol. Mais tarde, devido à capacidade única de ascensão do Brasil para



influenciar e inspirar a cooperação com outros países, essa imagem é consistente com o tipo do “Canário”. Portanto, os dois organismos e os dois países que são tão únicos não podem deixar de pensar em como o "canário" olha para "dragão". A percepção universal do Brasil sobre a China é conflitante. Embora aos olhos dos Brasileiros a "democracia" seja o tema dos danos à imagem da China, "BRICS", "cultura", "esportes" e "educação" são os temas que favorecem a imagem da China.

Por meio da análise e processamento dos dados da pesquisa original do “China View” do Brasil, as seguintes conclusões foram aproveitadas:

- O Brasil tem uma atitude positiva em relação à imagem da China nos países do BRICS. Especialmente quando se trata do impacto no desenvolvimento econômico do Brasil, os Brasileiros são positivos em relação à China. Isso mostra que os Brasileiros concordam que a China e os países do BRICS são parceiros necessários do Brasil para promover o crescimento econômico geral do Brasil.

- No que diz respeito aos assuntos "econômicos e comerciais", os resultados da pesquisa mostram que os Brasileiros têm uma atitude negativa em relação aos esforços comerciais da China. Isso mostra que os Brasileiros acreditam que a indústria chinesa tem um impacto no status de emprego do Brasil, mas ao mesmo tempo também acredita que as empresas chinesas e as empresas Brasileiras não são concorrentes diretos. (Wang Shouwen 2017)

- Em termos de 'democracia', a maioria dos Brasileiros é passiva. Acredita que o sistema político existente na China não é adequado para a China. Os Brasileiros não concordam com o sistema político da China.

- Sobre a questão do 'meio ambiente', o Brasil tem uma atitude positiva em relação às questões de investimento no controle das emissões de gases do efeito estufa na China. No entanto, os Brasileiros também acreditam que a China é um dos principais países que causa deterioração ambiental.

- Na área de "direitos humanos", os Brasileiros são negativos em algumas questões do tópico e acreditam que há violações das normas internacionais de direitos humanos na China. No entanto, na questão das “condições de trabalho da China”, os Brasileiros não indicaram claramente sua atitude.

- O Brasil tem uma percepção mais contraditória das "políticas domésticas" da China. Embora o Brasil tenha avaliado "corrupção na China, conduta ilegal e ações políticas ilegais", alguns entrevistados concordaram com essa visão. No entanto, o

Brasil adotou uma atitude positiva em relação à questão do "sistema político da China que promove os interesses comuns da sociedade chinesa".

- Os Brasileiros são positivos sobre o sistema educacional chinês e a sabedoria tradicional e acreditam que o Brasil deveria entender isso em profundidade.

- O Brasil tem uma atitude positiva em relação à "religião" da China e acredita que alguns elementos da religião chinesa podem ser integrados à religião Brasileira. Ao mesmo tempo, o Brasil não considera o budismo chinês e o confucionismo como concorrentes da cultura cristã Brasileira.

#### **4.6.2 "Belt and road" da China estendido para a América do Sul**

Em outubro de 2013, o governo chinês demonstrou ao mundo dois grandes conceitos voltados para o futuro no Século 21 - o "One Belt and One Road". O objetivo desta iniciativa é promover países ao longo da Rota da Seda, incluindo a China e outros países no continente eurasiático, para alcançar uma maior interconexão e uma cooperação mais ampla. Outra iniciativa muito importante do governo chinês é promover e promover a construção de uma "economia mundial inovadora, dinâmica, vinculada e inclusiva". Esta política é especificamente proposta para economias emergentes.

Do ponto de vista da China, há uma série de razões simples e diretas por trás disso. A China está procurando uma rota de navegação alternativa para fugir do Canal do Panamá, que está sob o controle dos Estados Unidos e tem um alto custo, reduzindo assim os custos de transporte e aumentando a competitividade dos produtos sul-americanos enviados para a Ásia e da Ásia para a América do Sul.

O estilo de governo incerto do governo do novo presidente dos EUA, Donald Trump, e sua hostilidade e agressividade em relação aos sul-americanos (e outros estrangeiros) forçaram os países sul-americanos a buscar outro "porto seguro" estável do ponto de vista geopolítico. As políticas protecionistas que Trump vem defendendo afugentam os apoiadores americanos de todo o mundo, especialmente os da América do Sul. A China tornou-se um fator chave na estabilidade econômica mundial e é a melhor escolha para muitas economias emergentes desenvolverem novas relações.

Ao mesmo tempo, a China também aumentou significativamente o investimento direto nesses países, e esses investimentos estão concentrados

principalmente em infraestrutura e energia (especialmente energia limpa e renovável). Todos os atos do governo chinês na América do Sul, incluindo o investimento na Estrada de ferro "Twin Ocean Railroad" e a promoção da iniciativa "One Belt and One Road", são os melhores exemplos da ascensão da China no "soft power" da comunidade internacional.

Levando em conta o atual nível de desenvolvimento humano, como Trump "invertendo o carro", não adianta continuar a se apegar às armas nucleares ou ao "poder duro", como a guerra. A China está fazendo todo o mundo entender que o aumento como uma potência mundial também pode ser feito respeitando as características inerentes de outros países e regiões, em vez de ter que dominar outros países. Desta forma, está verdadeiramente promovendo a estabilidade do mundo, o que é um verdadeiro poder brando. Por isso, o governo chinês criou continuamente oportunidades de desenvolvimento em mais de 60 países ao longo da iniciativa "The Belt and Road" e promoveu a implementação de cerca de 900 acordos abrangendo várias áreas de negócios, a maioria das quais está concentrada no setor de infraestrutura. Ao estender o 'One Belt and One Road' para a América do Sul, ligando a "Twin Ocean Railroad" ao Oceano Pacífico e ao Oceano Atlântico, essa ideia mais ambiciosa levará a um aumento exponencial dos benefícios do Brasil.

O governo chinês acredita que a chave fundamental para o desenvolvimento econômico é manter um aumento na demanda efetiva. A atitude cooperativa e o modelo de desenvolvimento construtivo da China criaram uma oportunidade para o mundo mudar sua trajetória de desenvolvimento. Permite-nos saber que o modelo hegemônico de estilo americano não é a única opção, mas manter a demanda efetiva da economia criando disputas e destruição em escala global não pode ser sustentado. É claro que o cerne das ações da China não é ameaçar a hegemonia dos EUA mais de 100 anos após o início da construção do Canal do Panamá, mas integrar o conceito de "inclusão" ao processo de desenvolvimento, permitindo que todas as economias compartilhem a humanidade.

O desenho Brasileiro da estrada de ferro gêmea do oceano tem um comprimento total de 4.400 quilômetros. A data de início do projeto foi originalmente definida para abril de 2011, mas não foi iniciada conforme programado. Em outubro de 2016, o governo Brasileiro assinou um memorando de entendimento com o governo chinês, decidindo investir conjuntamente US \$ 20 bilhões em investimentos

e investimentos em desenvolvimento de energia e construção de infraestrutura. Isso marca um progresso substancial no projeto "Twin Ocean Railroad". (Economia. 2017a)

#### **4.6.3 O ambiente internacional para a transformação estratégica da relação entre a China e o Brasil**

Os grandes países, especialmente as potências emergentes, estão intimamente relacionados às mudanças no ambiente internacional. Desde o final da Guerra Fria na década de 1990, a China e o Brasil têm sido as duas economias emergentes mais impressionantes do mundo. É justamente por causa da ascensão pacífica da China e do Brasil que o ambiente e o sistema político e econômico internacional mudaram, e a mudança do ambiente e do ambiente político e econômico não apenas exige a transformação estratégica das relações bilaterais entre a China eo Brasil, mas também apóia a China eo Brasil para melhorar a cooperação estratégica.

A primeira lógica ambiental da China e a transformação estratégica do Brasil é a histórica lógica de Pequim do "declínio ocidental". A teoria do declínio ocidental não é nova. Após a crise financeira de 2008, o "carro-chefe ocidental" com a América do Norte e Europa como "líderes" um queda e afundamento, especialmente, os Estados Unidos, no futuro próximo, perdendo a posição de maior economia do mundo, mais forte força militar e sistema cultural mais influente.

De acordo com as previsões recentes do Banco Asiático de Desenvolvimento, até 2015, 51% da economia global virão da Ásia, enquanto a Europa e a América do Norte responderão por 18% e 15%, respectivamente. Homikras, ex-economista-chefe do Departamento do Leste Asiático e Ásia-Pacífico do Banco Mundial e agora vice-diretor do Departamento de Economia Global da Brookings Institution dos Estados Unidos, também prevê que até 2030, a "classe média" que assegurará a estabilidade econômica global será de agora em diante, 1,8 bilhão de pessoas que crescem para 4,9 bilhões, e dois terços delas viverão.

Por exemplo, no ranking das 500 melhores universidades do mundo em 2013, 42 universidades na China ficaram entre as 500 melhores do mundo, ocupando o segundo lugar. Se considerarmos o grande progresso do ensino superior e da pesquisa científica em países em desenvolvimento, como o Brasil, a Índia e a África do Sul, mais e mais elites intelectuais obterão educação superior em universidades não-ocidentais.

No contexto histórico do "declínio ocidental", o sistema político e econômico internacional entrou em um novo ciclo de transição desde o final do Século XX. Por um lado, o sistema internacional começou a mudar durante este período, por outro lado, as contradições acumuladas entre os países durante este período irromperam muito e a posição dominante dos países ocidentais na economia política foi desafiada. O Relatório de Desenvolvimento Humano de 2013 apontou que "a ascensão do Sul" está mudando o equilíbrio do poder global. Em particular, com a rápida e pacífica ascensão da China, do Brasil e de outros países em desenvolvimento, os países em desenvolvimento estabeleceram novos setores políticos e econômicos internacionais e implementaram "cooperação Sul-Sul" como "para a igualdade, promoção da justiça e valores internacionais básicos, foram elevados a um novo nível de governança global, buscando reformar o sistema internacional e promover a diversificação política e econômica".

Nesse período de mudanças no sistema político e econômico internacional e reformas institucionais, a China, que emergiu na Ásia e no Brasil, que tem crescido na América Latina, tem o dever de promover o reequilíbrio das "coisas" e da "América do Sul". Com o crescente status de sua respectiva economia mundial e geopolítica, o aprofundamento estratégico da cooperação entre os dois países não apenas beneficiará o desenvolvimento sustentável de ambos os lados, mas também promoverá grandemente o sucesso da "transformação pacífica" do sistema internacional.

O segundo ambiente de transformação estratégica na China e no Brasil é o surgimento de vários centros políticos e econômicos internacionais desde o Século XXI. Depois da Segunda Guerra Mundial, em torno da importante questão de "como estabilizar ou solidificar o sistema internacional para evitar outra guerra mundial", o poder dominante na comunidade internacional nunca desistiu da idéia de construir múltiplos centros políticos e econômicos para criar estabilidade em múltiplas camadas.

Desde o fim da Guerra Fria, a "hegemonia de nível único" obviamente não estabilizou o sistema político e econômico mundial. Especialmente desde a crise financeira de 2008, a estrutura internacional sofreu grandes mudanças, ou seja, vários "centros políticos e econômicos" estão surgindo. Se "vontade política", "força abrangente" e "impacto geográfico" são as principais medidas de coordenação, além do centro norte-americano liderado pelos EUA, vários outros centros estão

claramente em ascensão: um é liderado pela Alemanha e pela França. A UE (Centro Europeu), que é cada vez mais “integrada” pela economia política, a segunda é a China (East Asia Center), que se tornou a segunda maior economia do mundo e a Rússia, que completou sua transformação institucional e recuperou a confiança nos grandes países. (Ásia), o quarto é o Brasil, que surgiu na governança global e na cooperação regional (Centro Sul-Americano) .

A este respeito, na edição especial intitulada "Emerging Powers Rising Negotiations" organizada pelo Instituto Real Britânico de Visão Internacional (CHATHAM HOUSE) e sua revista "International Affairs" em maio de 2013, estudiosos além de determinar a UE, China e Brasil, também acredita que a Índia mostra potencial de influência central. O sucesso econômico da China fez o mundo sentir que seu impacto na economia geopolítica está aumentando, no comércio internacional, investimentos, finanças, taxas de câmbio, preços de commodities, políticas ambientais, recursos energéticos, segurança militar, cooperação regional e até mesmo governança global. No campo, as tendências políticas e a lógica comportamental da China afetam os olhos de todos os países do mundo e afetam a vida e o bem-estar do país para centenas de milhões de pessoas.

O significado da ascensão do Brasil como centro político e econômico internacional também é significativo. Do impacto geográfico, entre os 33 países da América Latina, o Brasil tem cerca de metade do território da América do Sul, ocupando o quinto lugar no mundo e fazendo fronteira com 10 países da América do Sul. O Brasil está localizado nas partes central e oriental da América do Sul, e a maior parte de sua área de terra está no centro. A parte nordeste do Brasil é o ponto mais próximo dos hemisférios leste e oeste. A costa do Brasil ao longo do Oceano Atlântico tem 7.367 quilômetros de extensão.

O Brasil possui enormes recursos humanos e ocupa o quinto lugar no mundo em termos de população total. O grau de urbanização no Brasil está previsto para atingir 87% em 2010-2015 e ocupar o 34º lugar no mundo. O Brasil é um país de vastos recursos e energia com grandes reservas de recursos estratégicos como ferro, manganês, bauxita, cobre, chumbo, zinco, níquel e tungstênio. Entre eles, metais raros como estrôncio estão em primeiro lugar no mundo, e as reservas de minério de ferro são suficientes para atender a demanda mundial de ferro nos próximos 500. Como um dos quatro maiores produtores de manganês do mundo, seus depósitos de manganês respondem por 60% na América Latina.

O Brasil ocupa o 15º lugar no mundo em termos de reservas de petróleo, respondendo por 8,2% do total mundial de reservas de petróleo, e possui a tecnologia líder mundial para exploração e exploração de campos petrolíferos de águas profundas. Apesar de seu vasto território e o único país de língua portuguesa na América Latina, o Brasil nunca foi afetado por guerras regionais ou mundiais desde sua independência pacífica em 1821. Do ponto de vista da força abrangente, o Brasil tem a força econômica de um grande país em desenvolvimento. Embora a crise financeira global em 2008 tenha feito a contração econômica do Brasil em 2009 passar de 0,3%, o Brasil aproveitou a oportunidade para expandir as relações econômicas e comerciais com as economias emergentes e atrair ativamente o investimento estrangeiro, fazendo a economia Brasileira se recuperar rapidamente.

O Brasil tem um forte senso de poder regional e a ambição das grandes potências mundiais. Por muitos anos, o Brasil tem desempenhado um papel de liderança nos assuntos internacionais da América Latina como um centro de poder regional. Países fundadores e importantes estados membros do "Mercado Comum do Sul" do Brasil. Após mais de uma década de desenvolvimento, o mercado de por extenso tornou-se uma importante maneira de o Brasil fortalecer sua posição de liderança na América do Sul. De fato, a estratégia diplomática do Brasil é assegurar sua influência regional e seu compromisso com o status de uma potência global. A posição do Brasil nas Américas e nos países de língua portuguesa é cada vez mais importante.

O terceiro ambiente para a transformação estratégica das relações China-Brasil é que os BRICS, compostos por economias emergentes, formaram um novo setor econômico mundial. O sistema político internacional sofreu uma mudança na estrutura de poder desde o final da Guerra Fria no início dos anos 90. Depois de entrar no Século 21, com o anti-terrorismo global dos Estados Unidos e a ascensão pacífica da China, o desenvolvimento das economias emergentes foi promovido. A força nacional e a economia dos países do BRICS se desenvolveram rapidamente nos últimos anos e estão entre os grupos internacionais emergentes.

A crescente influência dos países do BRICS também reforçou seu apelo e apelo a outros países emergentes, bem como aos países em transição. Por que os países do BRICS ganharam oportunidades de desenvolvimento na onda de globalização, tornou-se uma questão de preocupação crescente para outros países em desenvolvimento. Parcerias estratégicas entre a China e o Brasil são

necessárias e prováveis para alcançar a transformação estratégica na segunda década do Século XXI. A turbulência financeira de 2008 foi o ponto de partida para o declínio da força dos países desenvolvidos no Ocidente, o declínio acentuado no impacto e a aposentadoria estratégica. Nesse contexto, a China e o Brasil estão liderando o caminho nas economias emergentes.

A China e o Brasil são imparáveis como o novo centro de poder político e econômico no sistema internacional, baseado em sua localização geográfica única, grande população, recursos e energia, charme cultural de longa data, crescimento econômico sustentado e ordem social relativamente estável. Por sua vez, a diversificação da estrutura do poder político internacional, que vem sendo chamada há muitos anos, se tornará realidade no futuro próximo. A cooperação estratégica entre a China e o Brasil é abrangente e profunda, não apenas alinhada à tendência internacional, mas também alinhada aos interesses estratégicos.

#### **4.6.4 Convergência de interesses na transformação estratégica das relações China-Brasil**

Embora a China e o Brasil tenham lados diferentes e a história das trocas bilaterais não seja longa, com as mudanças no sistema político e econômico internacional os apelos estratégicos de ambos os lados estão cada vez mais próximos e as influências diplomáticas estão se tornando cada vez mais iguais. A convergência também está se tornando mais ampla. A transformação estratégica das relações China-Brasil, impulsionada pelos interesses estratégicos da convergência, é imperativa. Desde o início do Século 21, além de continuar fortalecendo a cooperação regional e tradicional latino-americana baseada na “integração sul-americana”, a política externa do Brasil também fortalecerá a cooperação e a promoção com os países em desenvolvimento com “cooperação Sul-Sul” como linha principal.

Os países emergentes participam da governança global como uma prioridade para a democratização política internacional. Sem dúvida, a priorização da política externa do Brasil é do interesse de seus objetivos nacionais. Obviamente, a América do Sul e a Velha América estão relacionadas aos seus interesses centrais, e os países em desenvolvimento e emergentes constituem seus interesses importantes.



Na consideração estratégica da política da China, os círculos políticos, empresariais e acadêmicos do Brasil acreditam que a importância da China está crescendo e crescendo, pelo menos nas áreas de "cooperação Sul-Sul" e "países emergentes que participam da governança global". Desde o início do Século XXI, os países desenvolvidos tradicionais tornaram-se mais fracos e os países emergentes aumentaram, China e Brasil estão cada vez mais dispostos a promover relações bilaterais para seus interesses estratégicos. China e Brasil cooperam em ciência e tecnologia, inovação e aeroespacial, energia, minerais, infraestrutura e transporte, investimento, indústria e finanças, cooperação econômica e comercial e humanidades. O reencontro da China e do Brasil nos principais e principais interesses mencionados, bem como os incansáveis esforços dos dois lados na recente expansão das bolsas de juros, levaram ao rápido desenvolvimento das relações comerciais bilaterais.

De acordo com estatísticas da alfândega chinesa, o volume de comércio bilateral em 2013 foi de US \$ 90,2 bilhões, dos quais as exportações da China alcançaram US \$ 36,19 bilhões, e o valor das importações foi US \$ 54,09 bilhões, um aumento de 5,3%, 8,3% e 3,4%, respectivamente. O Brasil se tornou o maior país comercial da China na América Latina, e a China ultrapassou os Estados Unidos como o maior parceiro comercial do Brasil, país-alvo de exportação e país de origem de importação.

É particularmente importante ressaltar que o rápido crescimento econômico e comercial entre os dois lados reflete a relativa complementaridade: a China exporta máquinas e equipamentos para o mundo, têxteis e veículos de transporte para o Brasil, e o Brasil exporta soja e petróleo bruto para a China. De acordo com as estatísticas do Ministério do Comércio da China, no final de 2012, o investimento total da China no Brasil totalizava 16,8 bilhões de dólares, dos quais o investimento direto era de 1,09 bilhão de dólares. Em 2013, o investimento não financeiro da equipe chinesa no Brasil totalizou US \$ 167 milhões. O investimento envolve não apenas energia e minerais, mas também agricultura, infraestrutura e manufatura.

#### **4.6.5 Desafios futuros na transformação estratégica de relações entre a China e o Brasil**

A chave para expandir as parcerias alcançadas pela China e pelo Brasil em 2013 para construir uma parceria "mais alta, mais profunda e mais ampla" é a

transformação estratégica das relações bilaterais. Nesse sentido, os líderes dos dois países, a comunidade acadêmica e a comunidade empresarial chegaram a um consenso. No entanto, no processo de alcançar esse objetivo, os dois lados ainda precisam, enfrentar ativamente o desafio e avançar de forma pragmática na agenda de cooperação. Sem dúvida, a parceria estratégica Brasileira da China ainda é muito jovem em termos de dimensão de tempo, e há também um salto na dimensão espacial. Embora as parcerias estratégicas da China e do Brasil tenham grande potencial para o desenvolvimento, elas também precisam reconhecer problemas no desenvolvimento.

Primeiro, a transformação estratégica das relações China-Brasil depende fortemente da transformação estratégica dos BRICS como organização multilateral. Embora os membros do BRICS tenham o mesmo status (economias emergentes) e interesses (autodesenvolvimento), eles ainda permanecem como uma plataforma de comunicação e diálogo entre os Estados membros: os estados membros tomam a cúpula anual como a principal plataforma. Representantes seniores de assuntos de segurança, ministros das Relações Exteriores, enviados permanentes de organizações de mudança e plataformas assistidas pela Huawei em vários níveis nas áreas de think tanks, indústria e comércio e bancos. Diante do futuro, os países do BRICS precisam urgentemente ser atualizados para uma posição estratégica como uma construção política e econômica internacional por meio da organização do grupo.

Os países do BRICS ainda precisam resolver muitos problemas para atingir esse objetivo. Uma das dificuldades é como os Estados membros podem formar uma sinergia no processo de construção de uma nova ordem política e econômica internacional. O segundo problema é como equilibrar a segurança internacional com o seu próprio desenvolvimento, governança global e cooperação regional e relações políticas e econômicas. O terceiro problema é como otimizar a complementaridade econômica e comercial nos países do BRICS, evitar a concorrência feroz e alcançar "benefícios mútuos e ganhos mútuos". O quarto problema é como realizar a institucionalização e integridade dos países do BRICS.

Em segundo lugar, há uma assimetria na estratégia externa entre a China e o Brasil. A estratégia externa do país estrangeiro é determinada por sua determinação dos interesses nacionais, sua possível percepção de ameaças externas, sua confiança em seus recursos estratégicos que podem ser mobilizados e seus

objetivos estratégicos externos estabelecidos. Assim como outros países latino-americanos, o Brasil tem, a longo prazo, influências “equilibradas” dos EUA e da Europa como um importante objetivo estratégico em operações estratégicas internacionais e regionais, como Cuba durante a Guerra Fria e Venezuela após a Guerra Fria.

A China adere à implementação do "desenvolvimento pacífico" da estratégia externa, mas cuidando das disputas territoriais da China, da liderança regional e da oposição ao "separatismo" e outros interesses centrais. Por sua vez, O Brasil que deve desempenhar um papel de liderança na governança global, ele claramente defende a diplomacia "pacifista" e meios não-militares para resolver disputas internacionais. Infere-se que, no futuro, quando a China precisar aplicar medidas práticas para defender seus interesses centrais, há uma possibilidade maior de grandes diferenças estratégicas entre a China e o Brasil.

Terceiro, outro desafio para a transformação estratégica da China e do Brasil vem da incerteza de seu futuro desenvolvimento econômico e da instabilidade do progresso social. Como uma economia emergente, o desenvolvimento econômico de ambos os países alcançou resultados notáveis nos países desenvolvidos, mas existem sérias deficiências tanto na estrutura quanto no sistema. A economia Brasileira experimentou muitas flutuações nos últimos 10 anos e, durante o período de “crise pós-financeira”, a dinâmica de crescimento parece ser insuficiente. A exportação de produtos manufaturados da China encontrou medidas como a proteção comercial em vários países ao redor do mundo, e frequentemente encontrou dificuldades. Nos últimos anos, o superávit comercial Chines declinou por três anos consecutivos e a situação das exportações é sombria. Em comparação com os países desenvolvidos tradicionais do mundo, a China e o Brasil são relativamente atrasados em tecnologia.

Diante dos problemas acima, China e Brasil devem fortalecer mais a cooperação bilateral para que os dois países possam se complementar e alcançar progresso comum. No entanto, a partir da situação do ano passado, a competição entre a China e o Brasil na economia e no comércio intensificou-se. Nos últimos anos, embora a importação e exportação de bens bilaterais entre Brasil e China seja dominada pelo superávit Brasileiro, a estrutura comercial dos dois lados é baseada principalmente na exportação de produtos de energia e recursos naturais do Brasil e importações de produtos manufaturados chineses.

Além disso, devido à semelhança óbvia da estrutura industrial da China e do Brasil, a competitividade dos produtos chineses e a produção e exportação de produtos locais Brasileiros aumentou. As repetidas investigações antidumping conduzidas pelo Brasil contra produtos chineses têm impedido o desenvolvimento do comércio bilateral em certa medida. Ao mesmo tempo, o investimento direto entre a China e o Brasil mostra assimetria. Em 2010, a China se tornou a maior fonte de investimento direto estrangeiro Brasileiro e entrou em um estágio de rápido crescimento. Como a principal área de investimento chinês ainda é a energia e os recursos minerais do Brasil, isso está de acordo com a expectativa do governo Brasileiro de introduzir mais manufatura intensiva em tecnologia, tornando o Brasil o centro de outros bens industriais manufaturados e uma inovação tecnológica. Portanto, o investimento do governo Brasileiro na China também emergiu da constituição nacional, estabelecendo as condições associadas ao investimento e orientando ou restringindo a orientação para investimentos, restringindo o investimento do setor de mineração chinês e adotando medidas para melhorar a proteção ambiental e os requisitos técnicos do investimento.

Finalmente, os acadêmicos Brasileiros, a opinião pública e os círculos de negócios ainda têm preocupações sobre as relações com a China. Acredita-se que a contribuição da cooperação tenha contribuído mais para o crescimento da China do que para o Brasil, segundo a preocupação de que a dependência excessiva dos recursos de exportação enfraqueça a competitividade econômica internacional do país. Em seguida, dificulta seu desenvolvimento.

Essas preocupações, dúvidas e até exclusões, além de restrições geográficas e linguísticas, estão mais relacionadas à base de comunicação relativamente fraca entre a China e o Brasil. Desde o estabelecimento de relações diplomáticas, intercâmbios e cooperação nos campos culturais dos dois países têm continuado a desenvolver. Desde 1985, seis planos de implementação de intercâmbio cultural anual foram assinados para promover música, teatro, acrobacia, artes plásticas, radiodifusão, cinema, televisão, livros, publicação e outros campos. Realizou atividades de intercâmbio e enviou várias delegações culturais do governo para visitar uns aos outros.

No entanto, a amplitude e a profundidade dos intercâmbios culturais, educacionais e acadêmicos e as trocas não-governamentais entre os dois lados não são compatíveis com o status da China e do Brasil como grande potência e os

interesses políticos e econômicos internacionais dos dois países. No mínimo, os estudos Brasileiros da China e os estudos Brasileiros ainda não se tornaram o foco de seus respectivos estudos nacionais ou estudos regionais.

Depois de entrar na segunda década do Século XXI, as relações China-Brasil enfrentam oportunidades e desafios para a transformação estratégica. Embora a China e o Brasil ainda tenham desafios na construção de parcerias estratégicas de longo prazo, estáveis e abrangentes, os benefícios superam em muito os desafios. A China e o Brasil não têm nenhum ônus histórico que afete a cooperação, pois as diferenças nas relações econômicas e comerciais entre os dois lados não atrasaram a convergência dos interesses dos dois países.

Os dois lados têm interesses semelhantes na promoção da governança global, na reconstrução da ordem política e econômica internacional, no aumento do nível de "cooperação Sul-Sul", na promoção do desenvolvimento sustentável dos países em desenvolvimento e na resolução de disputas estratégicas por meio de disputas internacionais. Embora haja disputas reais e potenciais e até disputas entre China e Brasil (especialmente no campo econômico), se os dois países se concentram em interesses estratégicos comuns e respectivos, eles definem o relacionamento bilateral com uma visão estratégica, e os interesses da China e do Brasil se encontram. Ele ficará cada vez maior e a margem de desafio será menor e menor.

Então, como podemos promover firmemente a transformação estratégica das relações China-Brasil? Primeiro, os líderes de ambos os lados precisam fortalecer a vontade política de transformar estrategicamente suas respectivas relações bilaterais. Ao avaliar a política Brasileira, os líderes chineses precisam enfatizar que os interesses econômicos devem pagar benefícios políticos e evitar o uso de indicadores mecanizados de ganhos e perdas para avaliar o valor estratégico das relações bilaterais. Ao avaliar a relação entre China e Brasil, os principais executivos do Brasil precisam deixar de lado a mentalidade da ideologia ocidental e do sistema de valores e evitar cair em armadilhas lógicas como a "ascensão do domínio", o "novo colonialismo" e o "novo mercantilismo" estabelecidos pelo Ocidente.

Em segundo lugar, os dois lados devem direcionar as parcerias estratégicas para o campo da segurança e do desenvolvimento, especialmente para defender as ameaças comuns e alcançar os mesmos interesses em áreas emergentes como os oceanos, o espaço e as redes.

Terceiro, os dois lados devem fortalecer a institucionalização da gestão de relacionamento bilateral a partir de uma perspectiva estratégica. Por exemplo, consolidaremos ainda mais os mecanismos e operações estabelecidos pelo Comitê de Alto Nível China-Brasil e o Diálogo Estratégico Estrangeiro de Ministros Estrangeiros e, ao mesmo tempo, escolheremos a oportunidade de promover o mecanismo de diálogo de segurança internacional entre o Conselho Nacional de Segurança da China e o Comitê Nacional de Defesa do Brasil.

Finalmente, a China e o Brasil devem aumentar os intercâmbios bilaterais acadêmicos, educacionais e culturais. A China deve considerar suas condições sociais e culturais especiais para implementar sua política em relação ao Brasil, em particular, é necessário dar um papel integral ao papel dos chineses e chineses no exterior e encorajar e apoiar as elites Brasileiras na China para entender e estudar a China.

Ao ampliar e fortalecer a fundação social e cultural entre a China e o Brasil, os dois lados devem desempenhar um papel mais ativo na promoção do intercâmbio da China e do Brasil com a Região Administrativa Especial de Macau.

## **5 OS REFLEXOS PARA O BRICS**

A consideração estratégica da participação ativa do Brasil na cooperação do BRICS reside no fato de que o mecanismo de cooperação do BRICS oferece uma importante via externa para o Brasil alcançar o desenvolvimento nacional e fornece uma importante plataforma de cooperação multilateral para a participação internacional do Brasil. Do ponto de vista da participação, o Brasil alcançou seus próprios objetivos de política na cooperação com os BRICS, não só fortaleceu os laços econômicos e comerciais com várias potências emergentes importantes, mas também ganhou o “dividendo econômico” e aumentou a influência internacional do Brasil.

Em 2016, após a mudança do regime Brasileiro, a política externa do novo governo foi ajustada e o status da diplomacia no trabalho do governo foi marginalizado. No entanto, como o Brasil ganhou muitos dividendos explícitos por meio da cooperação entre os BRICS, e o multilateralismo sempre foi uma importante tradição da diplomacia Brasileira, o Brasil continuará sua cooperação com os países emergentes no nível de governança global. Em contraste, uma situação política

permanece estável, a política Brasileira para fortalecer a iniciativa política e cooperação de segurança dos países do BRICS será mais cautelosa, envolvida no desenvolvimento do comércio, a cooperação de investimento continuam a ser a primeira prioridade da participação Brasileira na cooperação BRICS.

No Século 21, a ascensão dos países emergentes se tornou um fenômeno de massa no sistema internacional mais atenção, não é apenas um reflexo direto do novo equilíbrio de poder muda no cenário internacional, mas também fornece a lógica suficiente para ajustar e reformar o sistema internacional. O BRICS é uma plataforma de cooperação multilateral que se formou e cresceu rapidamente nesse processo e criou um efeito de “equilíbrio suave” na atual ordem global liderada pelos EUA. "Balanceamento Soft" é uma potência de segunda classe com uma estratégia viável para lidar com os EUA levou-unipolar, não é um desafio direto à hegemonia militar dos EUA, mas pode usar meios não-militares para atrasar, obstruir ou mesmo destruir a política unilateralista da superpotência. Isto significa que a estratégia não militar inclui arranjos institucionais, isto é, um número de países forjou alianças diplomáticas ou mecanismos de colaboração para restringir o poder existentes. BRICS, a Índia e o Fórum de Diálogo Brasil África do Sul (IBSA) e da Organização Mundial do Comércio (OMC).

O "G20" possuem tais características, destinadas a ajudar os países mais fracos enfrentar uma maior margem de manobra ao poder, também conhecido como um "tampão" de arranjos institucionais. De fato, o processo dos países do BRICS, desde a geração de conceitos até a cooperação e o arranjo de estratégia diplomática da “prioridade de cooperação Sul-Sul” do Brasil, tem um momento forte, que reflete não apenas a lógica política do fortalecimento da cooperação BRICS, mas também reflete, externamente, as considerações diplomáticas do país para a cooperação do BRICS.

## 5.1 IDENTIDADE NACIONAL DO BRASIL E METAS DE POLÍTICA EXTERNA

A identidade nacional do Brasil é baseada não apenas em sua própria força nacional abrangente, mas também em seu julgamento do status e das tendências do panorama internacional. Em resposta aos dois fatores acima, a importante literatura diplomática do Brasil na última década refletiu claramente os principais juízos sobre a situação internacional e sua própria identidade nacional. Primeiro, a atual estrutura de poder internacional apresenta as características da “estrutura hegemônica”, que é

dividida em três camadas: um pequeno número de poderes econômicos, poderes políticos e forças militares formam o centro do sistema internacional e um grande número de países pequenos, médios e pequeno.

Na periferia, os dois tipos de países acima são compostos de um número limitado de potências periféricas. O Brasil está entre as “potências externas”, ou seja, “países subdesenvolvidos, populosos, territoriais, favoráveis ao clima e economicamente promissores, com sistemas industriais e mercados internos fortes”, neste contexto, também estão incluídos Argentina, África do Sul, Índia, Irã, Coreia do Sul e Indonésia. Em segundo lugar, o sistema internacional é um corpo complexo cheio de conflitos, competição e cooperação. A interação de várias forças e grupos de interesse determina a forma do sistema internacional.

Contudo, o sistema internacional entrou num padrão cada vez mais multipolar. Nesse sistema global, o Brasil enfrenta um importante desafio para superar sua própria “vulnerabilidade externa”, que se reflete no nível econômico como um déficit estrutural em conta corrente, e no nível tecnológico como uma falta de capacidade técnica nas forças armadas. ademais, reflete-se na falta de força, no plano ideológico reflete-se na hegemonia cultural americana, e no nível político, reflete-se que o Brasil ainda não participou dos principais mecanismos decisórios internacionais.

Com base nos julgamentos acima, a política externa Brasileira enfrenta duas tarefas reais: uma é romper sua identidade “periférica” na estrutura de poder internacional, participar tanto quanto possível dos mecanismos de tomada de decisões internacionais e melhorar a voz e a influência do país nos assuntos internacionais.

A segunda é buscar um caminho multidimensional e efetivo de participação da governança global para alcançar o objetivo de romper as restrições da identidade nacional. Há uma forte conexão lógica entre essas duas tarefas realistas, e pode até ser dito que é uma relação variável que é uma premissa e uma condição. Mas, nesse relacionamento lógico, a chave depende da determinação estratégica e da escolha do caminho político do próprio Brasil. Tendo em vista o avanço da identidade nacional, o desenvolvimento da história moderna e contemporânea no Brasil, o “grande sonho país” sempre foi o objetivo central perseguido pelo país, não só levantou o slogan específico de “o futuro grande país”, “fora do terceiro mundo, no primeiro mundo” desempenhou um papel mais importante na reconstrução da



ordem internacional após a aliança internacional pós-guerra e as Nações Unidas na Segunda Guerra Mundial. Por causa disso, o apelo do Brasil ao status de um grande país começou realmente no início do Século 20.

Desde então, o Brasil há muito procura "o reconhecimento internacional de seu papel como uma grande potência que deve ser tomada como garantida nos assuntos globais". De uma perspectiva interna, a elite Brasileira acredita que o Brasil não deve se limitar ao posicionamento de "estados gerais" ou "poderes externos". Embora a força econômica do Brasil seja muito menor do que a do poder econômico mundial, tem a vantagem de que as "potências estrangeiras" são incomparáveis em termos de tamanho populacional e territorial, dotação de recursos e estrutura econômica, o que mostra que o Brasil possui uma potência mais ampla e periférica, ré-requisitos para participação global. De acordo com o padrão de definição de "país grande", o Brasil não tem a capacidade de entrar no "grande clube", mas o governo Brasileiro não está disposto a ser "um país medíocre" e está comprometido em aumentar sua influência e prestígio e se tornar um "player" no sistema global.

O Diplomata Celso Amorim do Brasil tem dito repetidamente que o Brasil é um importante ator no cenário internacional, tem várias vantagens em termos de área de terra, democracia política, força econômica, mas também têm sérias vulnerabilidades econômicas e sociais. No entanto, o Brasil não é um país pequeno, não pode e não deve ter apenas uma política externa de um pequeno país. Embora o Brasil ainda enfrente o problema de um sistema internacional assimétrico e a posição dominante dos Estados Unidos e outros assuntos do Hemisfério Ocidental, a "fronteira externa" da situação contribuiu para a diversificação e inovação do país. Portanto, a partir de uma análise lógica, grupos emergentes de países, incluindo o Brasil têm, relativamente, a vantagem do espaço. Em vista disso, de um certo ponto de vista, pelo menos nos últimos 20 anos, o Brasil é "um país em desenvolvimento que pode desempenhar um papel importante".

O "papel importante" aqui mencionado inclui tanto o papel da "liderança", que tem o significado de "mudar o mundo". Muito antes de 2001, ou seja, do conceito BRICS ser apresentada, o famoso think tank Brasileiro, Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) emitiu prioridades da política externa do Brasil. Um projeto com 149 membros da Associação Brasileira de Política Externa realizou uma pesquisa por questionário. os entrevistados cobertos por funcionários do governo

(especialmente diplomatas), parlamentares, empresários, sindicatos e líderes de ONGs, acadêmicos e jornalistas.

Entre as 17 questões diplomáticas listadas neste relatório de pesquisa, as mais relevantes estão, principalmente, sua construção da identidade nacional, questões econômicas (especialmente questões comerciais) e integração sul-americana. Ademais, foi identificado como tema "extremamente importante": a "promoção do comércio, reduzindo o déficit comercial", "manter a democracia na América do Sul", "construção do Mercosul" "papel de liderança" Região Brasil "para apoiar as negociações da OMC." Os seis tópicos, incluindo a integração das instalações, obtiveram as maiores pontuações, ambos excedendo 50%.

## 5.2 ESTRATÉGIA DE COOPERAÇÃO SUL-SUL DO BRASIL E CONSIDERAÇÕES ESTRATÉGICAS PARA A COOPERAÇÃO DO BRICS

Depois de entrar no Século 21, com a rápida ascensão das potências emergentes e a acelerada multipolarização do padrão mundial, a diplomacia do Brasil adotar "autonomia participativa" durante o ciclo governante do Partido Trabalhista (2003-2016). Com base nisso, reflete ainda a política de "diversidade e autonomia", especialmente o caminho da cooperação Sul-Sul para aprofundar a participação do Brasil nos assuntos globais, melhorar a capacidade do Brasil de negociar com os países desenvolvidos e mudar a si mesmo. Situação passiva em um sistema internacional assimétrico. Seja a "autonomia participativa" do período do governo de Cardoso ou a "diversidade e autonomia" do ciclo de governo do Partido Trabalhista, isso reflete a atitude ativa e positiva da diplomacia Brasileira.

Em contraste, a "diversidade e autonomia" enfatiza a múltipla escolha dos caminhos de participação, enquanto a cooperação Sul-Sul é o item incremental mais importante do último. Após Lula chegar ao poder em 2003, ele ressaltou que o Brasil deveria mudar sua linha diplomática de se concentrar apenas nos países desenvolvidos dos Estados Unidos e Europa, adotar uma política externa mais ousada e sensata e buscar uma política externa que mantenha o equilíbrio entre países ricos e pobres. Guiada por essa política, a cooperação Sul-Sul tornou-se a meta prioritária da diplomacia Brasileira nos últimos dez anos, e a prioridade da meta não está diretamente refletida no relacionamento político e econômico entre o Brasil e os países e regiões em desenvolvimento, mas também no Brasil. O contínuo enriquecimento e aperfeiçoamento dos mecanismos de cooperação multilateral intra

e inter-regional também reflete a tradição do multilateralismo na diplomacia Brasileira.

Desde o início do Século 21, especialmente com o crescimento constante da economia no Brasil nos últimos 10 anos, a política externa do Brasil não se limita mais a manter a soberania nacional e autonomia no sistema internacional assimétrico, mas está tentando expandir as dimensões de sua estratégia internacional. Buscando maior participação internacional. Nesse sentido, os BRICS e o G20, o Fórum de Diálogo Índia-Brasil-África do Sul e o “Grupo dos Quatro” (Alemanha, Japão, Índia, Brasil) que se unem aos membros permanentes do Conselho de Segurança (“alemão”) refletem a estratégia externa do Brasil. Idéias de ajuste. Como mencionado, o conceito dos países do BRICS foi altamente valorizado pelo governo Brasileiro, que na época definia claramente a estratégia de prioridade diplomática para os países em desenvolvimento, com as mudanças na situação internacional e a importância dos BRICS. A promoção do BRICS tornou-se uma parte cada vez mais importante da estratégia internacional do Brasil. Especificamente, as considerações estratégicas do Brasil para os mecanismos de cooperação dos BRICS refletem-se principalmente nos dois aspectos a seguir.

Primeiro, a cooperação do BRICS oferece um caminho externo importante para o Brasil alcançar o desenvolvimento nacional. Em toda a diplomacia do Brasil há mais de um Século, as questões de desenvolvimento tornaram-se o principal conteúdo das relações externas e muitas vezes ocupam a posição central da política externa. A principal razão é que a percepção do Brasil sobre ameaças externas está concentrada principalmente no aspecto econômico. A esse respeito, podemos confirmar isso a partir da pesquisa “Agenda internacional do Brasil” mencionada acima. Entre as muitas questões internacionais, a mais importante é amplamente reconhecida como “promovendo o comércio e reduzindo os déficits comerciais.” A lógica está nas características da economia Brasileira e o desenvolvimento precisa melhorar sua vulnerabilidade externa.

Nessa perspectiva, a diplomacia é um instrumento político que apoia o planejamento do desenvolvimento econômico e social. Desde o início do Século XXI, juntamente com a nova rodada de expansão econômica e comercial mundial e sua nova crise subsequente, assim como o ajuste econômico e a rotação política interna do Brasil, a orientação para o desenvolvimento e a agenda social na diplomacia Brasileira tornaram-se mais proeminentes. Para a cooperação dos países do BRICS,

a consideração do Brasil sobre a dimensão do desenvolvimento é baseada principalmente em dois níveis. Primeiro, as economias emergentes (ou países em desenvolvimento) representadas pelos países do BRICS estão desempenhando um papel de liderança cada vez mais importante na economia global. A ascensão das potências emergentes foi o fenômeno mais importante na era pós-Guerra Fria, e essa tendência tornou-se mais clara após a crise econômica global de 2008.

A ascensão das economias emergentes não se reflete apenas diretamente no conceito dos países do BRICS, mas também nas mudanças no volume econômico real dos países do grupo e sua contribuição para o crescimento econômico global. Por exemplo, entre 2000 e 2008, China, Índia, Rússia e Brasil contribuíram com 30% do crescimento econômico mundial, em comparação com 16% 10 anos atrás. Portanto, a partir da tendência de médio e longo prazo, as economias emergentes tornaram-se gradualmente o “polo de crescimento” da economia global. Portanto, o fortalecimento da cooperação com as potências emergentes oferece outro caminho externo para o Brasil alcançar seus objetivos de desenvolvimento econômico e social. Em segundo lugar, reduzir a dependência econômica dos países desenvolvidos. A criação de um bom ambiente externo para a economia Brasileira, a garantia de recursos externos e a obtenção de melhores condições para negociações com países desenvolvidos são importantes princípios norteadores da política externa Brasileira.

Aqui o significado de "ambiente externo favorável" inclui tanto a mitigação da vulnerabilidade externa e a dependência da economia Brasileira, e melhorar o desenvolvimento econômico da autonomia do Brasil, para manter um desenvolvimento equilibrado da estrutura econômica nacional, mas também para diversificar o comércio exterior, mudanças no comércio. Com a ascensão das potências emergentes, o Brasil provavelmente encontrará mercados e fundos “alternativos” ou “suplementares” de países desenvolvidos da Europa e da América. A aliança entre os dois países, com o desenvolvimento do padrão internacional, a participação do Brasil na cooperação do BRICS é também um ajuste de política da mesma natureza.

Os países do BRICS forneceram uma importante plataforma de cooperação multilateral para a participação internacional do Brasil, o que ajudará a aumentar sua autonomia nacional e influência internacional. O multilateralismo é um importante princípio e tradição da diplomacia Brasileira: desde a participação na Conferência

Internacional de Haia, em 1907, o Brasil tem participado ativamente da criação de importantes mecanismos multilaterais internacionais, como a Liga das Nações e as Nações Unidas. Em 1919, o Brasil participou da Conferência de Paz de Paris como um “país vitorioso” e foi um dos membros fundadores da Liga das Nações, tentando se tornar um “país coordenador entre países grandes e pequenos” e manter seu poder, ao mesmo tempo. "

Após a Segunda Guerra Mundial, o Brasil aproveitou a oportunidade de reconstrução da ordem internacional e tornou-se membro fundador de importantes instituições multilaterais internacionais, como as Nações Unidas e o GATT. A elite Brasileira acredita que a política de multilateralismo é o "cartão de visita" do Brasil. Através da plataforma do mecanismo multilateral internacional, o Brasil pode mostrar seus pontos de vista e demandas aos assuntos internacionais para o mundo.

Desde o início do novo milênio, com o avanço da tendência mundial de “achatamento”, o Brasil também desempenhou um papel ativo na criação de um novo mecanismo internacional de cooperação multilateral, como o G20 no âmbito da OMC, o Fórum de Diálogo Índia-Brasil-África do Sul e o Quatro Básico. Sua política se concentra não apenas em promover a transformação do sistema internacional, mas também em seu próprio “grande sonho de país”, que pode maximizar a soberania nacional e manter a flexibilidade e independência da política externa Brasileira. A cooperação entre os BRICS é outra prática importante do Brasil, buscando uma tradição diplomática multilateral e participando de mecanismos multilaterais de cooperação, proporcionando ao Brasil uma plataforma de ação conjunta com outras potências emergentes, cujo objetivo não é derrubar o sistema internacional, mas promover a reforma do sistema. E beneficiar os países em desenvolvimento.

Quanto à comunalidade dos países do BRICS, o lado Brasileiro acredita que se reflete principalmente em "todos eles são territórios, populações, poderes econômicos e têm a capacidade de autodeterminação independente (não sujeita a potências ocidentais)". A cooperação entre os países do BRICS inclui cooperação econômica e consulta política e diálogo entre os membros. O ex-ministro das Relações Exteriores do Brasil, Amorim, disse que os países do BRICS estão negociando ampliar o alcance da cooperação, fortalecer a comunicação política, promover a igualdade e a democracia da ordem internacional e realizar a

reestruturação do mundo e acreditar que os países do BRICS têm interesses comuns.

É necessário fortalecer as consultas em assuntos internacionais, como as mudanças climáticas, a crise energética e a economia mundial, e buscar formar um consenso entre os BRICS. Nesse sentido, os países do BRICS podem ser um dos muitos “aliados” atualmente em desenvolvimento. Ao mesmo tempo em que se aprimora, a cooperação do BRICS também é uma maneira importante de o Brasil aumentar sua influência internacional. Primeiro, participando dos países do BRICS para alcançar a expansão da estratégia internacional do Brasil, para reforçar a voz do Brasil nos principais assuntos internacionais, o Brasil ganhará maior atenção na comunidade internacional e, segundo, participando da cooperação pragmática dos países do BRICS. Aumentar o reconhecimento dos países em desenvolvimento para o status internacional do Brasil e moldar o Brasil como um papel de “palestrante” para países em desenvolvimento em instituições multilaterais internacionais, e finalmente, os BRICS são um caminho alternativo para o Brasil alcançar seus objetivos estratégicos internacionais.

"O lugar para ocupar um lugar na estrutura internacional de poder" é o objetivo central da estratégia internacional do Brasil. O ex-presidente Brasileiro Lula chegou a afirmar diretamente que "o Brasil se esforçará para alcançar um Conselho de Segurança da ONU que esteja de acordo com a realidade de hoje". Pode-se ver que o Brasil espera entrar no “centro de poder” do sistema internacional de tomada de decisões através do caminho da reforma da ONU. A força geral do Brasil é relativamente fraca entre os membros do BRICS, China e Rússia são membros permanentes das Nações Unidas, enquanto a Índia e a África do Sul têm os mesmos apelos de “acompanhamento” do Brasil.

Portanto, o fortalecimento da cooperação entre os BRICS não é apenas favorável ao ritmo da questão "Brasileira" com a Índia e a África do Sul, mas também pela questão "no regular" para levar em conta o trabalho de relações públicas com a China e a Rússia. Em vista disso, o Brasil espera fortalecer continuamente o grau de institucionalização dos países do BRICS, formar gradualmente uma estratégia econômica e política comum, deixar a comunidade internacional perceber a determinação política dos BRICS de agir em conjunto e fazer dos BRICS uma parte da governança global. Força importante. Com base na análise acima, o diplomata

Brasileiro Rubens Barbosa acredita que os países do BRICS são mais importantes para o Brasil do que para outros Estados membros.

### 5.3 PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NA COOPERAÇÃO BRICS

Durante o período de 10 anos último, a cooperação do BRICS foi liderada pela reunião de líderes, apoiada por reuniões ministeriais como a Reunião de Representantes Seniores de Segurança e a Reunião de Ministros das Relações Exteriores, nas áreas de economia, comércio, finanças, finanças, agricultura, educação, saúde, ciência e tecnologia e cultura. Estrutura multinível de cooperação pragmática em dezenas de campos, como antidrogas, estatísticas, turismo, think tanks, cidades irmãs e cooperação do governo local. Através dos canais de cooperação multinível acima mencionados, os países do BRICS alcançaram um desenvolvimento rápido e eficiente em menos de 10 anos, o que não apenas contribuiu para os dois novos bancos de desenvolvimento (NDB) como para o “Fundo de Reserva de Emergência” (CRA).

O estabelecimento do mecanismo de cooperação e a crescente influência de muitas questões importantes no mundo tornaram-se gradualmente uma força importante para promover a transformação do sistema internacional e a democratização da governança global. Como membro dos BRICS, a participação do Brasil na cooperação do BRICS reflete suas próprias características. A avaliação da eficácia da participação do Brasil na cooperação do BRICS deve basear-se nos julgamentos acima sobre as considerações estratégicas da participação do Brasil na cooperação do BRICS, bem como na análise das características da promoção da cooperação BRICS no Brasil.

Primeiro, as conquistas econômicas e comerciais são o resultado mais significativo da participação do Brasil na cooperação do BRICS. A cooperação mais bem-sucedida (ou mais óbvia) do BRICS é a cooperação no campo econômico. Desde o início do Século 21, sob a orientação da cooperação Sul-Sul e da cooperação econômica e comercial, o ritmo da cooperação econômica e comercial entre o Brasil e os países em desenvolvimento tem sido promovido rapidamente, como a escala do comércio entre o Brasil e os países em desenvolvimento em 2002. Aumento de 570,8% em 2013, superior ao crescimento do comércio entre o Brasil e os países desenvolvidos (215,8%).

Nessa tendência de comércio, a relação comercial entre o Brasil e os membros do BRICS é particularmente evidente. A taxa de crescimento do comércio de importação e exportação entre o Brasil e os membros do BRICS excedeu a tendência de outros mercados, o que indica que a cooperação do BRICS desempenha um papel cada vez mais importante no comércio exterior Brasileiro. Portanto, a partir da análise do nível de comércio, a cooperação do BRICS não só se tornou um “estabilizador” para o comércio exterior Brasileiro, mas também um mercado central para o comércio exterior Brasileiro, que desempenha um papel fundamental no saldo de sua conta corrente. No entanto, o comércio do Brasil com os membros do BRICS está concentrado principalmente no comércio bilateral entre a China e o Brasil, enquanto o comércio com a Rússia, a Índia e a África do Sul é muito limitado.

Em 2016, a China representou 83,3% do comércio total do Brasil com os membros do BRICS, representando 83,7% das exportações Brasileiras para os membros do BRICS, e 82,8% das importações Brasileiras dos membros do BRICS. Objetivamente, o aprofundamento do comércio entre a China e o Brasil não depende inteiramente do mecanismo dos BRICS, mas da relação complementar de oferta e demanda entre os dois países. No entanto, a cooperação do BRICS oferece um ambiente externo favorável e apoio institucional para o aprofundamento do comércio China-Brasil, especialmente no acordo em moeda local que os países do BRICS continuam promovendo para promover a facilitação do comércio. "Declaração Ufa", adotada em 2015 declarou: "para explorar oportunidades de cooperação e possível ação conjunta futuro tomados para expandir entre os países do BRICS e as exportações para outros países, expandir em moeda local usada na transação entre os países do BRICS tem um grande potencial, departamentos relevantes para continuar a discutir a viabilidade da utilização mais ampla de moedas locais no intercâmbio comercial. "nível semelhante de comércio com investimento BRICS no Brasil é refletida principalmente forte investimento na China para entrar no mercado Brasileiro, este investimento específico para as relações China-Brasil.

Vale ressaltar que o novo banco de desenvolvimento estabelecido pelos países do BRICS proporciona ao Brasil um importante canal de financiamento. Em abril de 2017, o Novo Banco de Desenvolvimento e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social assinaram o primeiro contrato de empréstimo do Brasil para apoiar os projetos de energia renovável do Brasil com um empréstimo



total de US \$ 300 milhões e um período de 12 anos. Além disso, o Novo Banco de Desenvolvimento também afirmou que apoiará a construção urbana no Brasil e participará de projetos de infraestrutura no país. Pode-se esperar que o novo banco de desenvolvimento complementar a falta de capacidade de investimento do Brasil.

Em segundo lugar, a cooperação do BRICS abriu canais para o Brasil participar de assuntos políticos e de segurança globais. Por meio da cúpula, da reunião de ministros das Relações Exteriores e da reunião de altos representantes dos assuntos de segurança, os países do BRICS reforçaram significativamente suas consultas sobre questões políticas e de segurança, ampliando a questão do terrorismo na primeira cúpula de líderes em 2009. Para a reforma da ONU, situação da Líbia, conflito árabe-israelense, situação síria, questão nuclear do Irã, questão do Afeganistão, crise humanitária no Sudão do Sul, crise ucraniana, crime organizado transnacional, cibersegurança, pirataria, problema das drogas, situação na Somália são tópicos específicos. Embora a cooperação entre os BRICS tenha focado a cooperação econômica e comercial entre os Estados membros e a reforma do sistema financeiro global nos últimos 10 anos, observa-se gradualmente uma influência crescente nos assuntos políticos e de segurança internacionais, especialmente em conflitos regionais.

Até certo ponto, formou uma força de "equilíbrio suave" para as operações militares unilaterais dos EUA. A participação do Brasil na política global e assuntos de segurança é relativamente cautelosa, o que está intimamente relacionado com o ambiente geopolítico do próprio Brasil e seus interesses estrangeiros relativamente limitados. Portanto, o Brasil não defende dar aos países do BRICS mais implicações políticas e de segurança. No entanto, à medida que os canais de diálogo entre os países do BRICS continuam aumentando e a cobertura das questões de consulta continua a se expandir, a adequação do Brasil e de outros membros do BRICS às questões políticas e de segurança global aumentou, embora suas posições permaneçam distintas. Sinais de proximidade com outros membros dos BRICS mudaram a situação anterior de posições opostas em questões relevantes. A julgar pelas questões envolvidas nas negociações dos BRICS, a questão mais concentrada é a disputa no Oriente Médio.

Em resposta a conflitos regionais, o Brasil adere a posições diplomáticas como consultas multilaterais, diálogos políticos e assentamentos pacíficos, o que se reflete nas declarações das cúpulas anteriores dos BRICS e nas Nações Unidas

votando sobre essas questões, bem como coordenando ativamente o diálogo Palestina e Israel, e na questão nuclear iraniana. Especialmente nas negociações sobre a questão nuclear iraniana nos últimos anos, a solução proposta pelo Brasil e pela Turquia diminuiu um pouco a tensão na época. Além disso, em resposta ao envolvimento dos países ocidentais na turbulência na Ásia Ocidental e Norte da África em nome da “responsabilidade ao proteger”, o Brasil apresentou uma nova reivindicação de “responsabilidade na proteção.” A proposta Brasileira é apoiada por países em desenvolvimento, incluindo membros do BRICS. E tornou-se um princípio importante a ser seguido na solução atual de disputas regionais. No geral, a crescente influência dos BRICS em disputas regionais globais fortaleceu a presença do Brasil em assuntos internacionais.

Terceiro, a cooperação do BRICS permitiu que o Brasil colhia o “dividendo político” e a influência internacional foi significativamente melhorada. Os círculos políticos e círculos acadêmicos do Brasil até sugeriram que o surgimento dos países do BRICS é um exemplo importante da revolução do sistema global nos últimos 30 anos. É o melhor meio de “marketing global”. A partir do efeito real, o Brasil é o país que mais se beneficiou do BRICS. Além do “dividendo econômico”, o “dividendo político” Brasileiro da cooperação do BRICS reflete-se principalmente nos seguintes aspectos. Primeiro, os países do BRICS se tornaram uma importante plataforma para o Brasil avançar suas metas de “entrada”. Em resposta ao problema de “Torne-se um membro permanente da ONU” envolvido nos países do BRICS, tem havido uma discussão acalorada na comunidade acadêmica Brasileira. O centro do debate é a atitude da China em relação ao “Torne-se um membro permanente da ONU” do Brasil.

Atualmente, a posição do Brasil sobre essa questão tornou-se gradualmente mais racional: embora os países do BRICS ainda não tenham esclarecido o número de expansões do Conselho, há um consenso sobre reformas, o que é do interesse do Brasil. De fato, a questão da reforma abrangente das Nações Unidas sempre foi o foco da cúpula dos BRICS, com ênfase especial em “ênfase o status do Brasil, Índia e África do Sul nos assuntos internacionais e apoiar seu desejo de desempenhar um papel maior nas Nações Unidas”. Portanto, além do “Grupo dos Quatro” que foi formado na questão “Torne-se um membro permanente da ONU”, os países do BRICS se tornaram outra plataforma para a estratégia do Brasil “Torne-se

um membro permanente da ONU”. Em segundo lugar, a cooperação do BRICS fortaleceu a posição do Brasil na governança econômica global.

Na questão econômica global, a influência do Brasil é principalmente limitada ao comércio, seja o GATT ou as negociações multilaterais subsequentes da OMC, o Brasil está participando ativamente.

Em terceiro lugar, a cooperação entre os BRICS não apenas reforça a identidade internacional do Brasil, mas também fortalece o reconhecimento da comunidade internacional de sua identidade. O desenvolvimento do G20 e a formação dos países do BRICS estão fortemente relacionados, e esses dois importantes mecanismos tornaram a identidade internacional do Brasil mais precisa. Por um lado, a participação no G20 é um reconhecimento da identidade das economias emergentes do Brasil e, por outro lado, a adesão aos países do BRICS reflete a importante representação do Brasil nas economias emergentes. Isso está basicamente de acordo com o apelo identitário do “grande país em desenvolvimento que pode desempenhar um papel importante no Brasil.” Dessa perspectiva, a cooperação dos BRICS pode de fato ser considerada o “item adicional” da identidade internacional do Brasil.

O desenvolvimento dos países do BRICS se tornou uma realidade política, embora inicialmente tenha sido implantado pelo conceito de Goldman Sachs, seu desenvolvimento é baseado na vontade dos países membros para aprofundar a cooperação mútua. O Brasil detém a participação ativa de atitude cooperação BRICS, tanto devido ao posicionamento de sua identidade nacional, mas também intimamente relacionado com a prioridade diplomática Brasileira do Século 21 para o desenvolvimento de acordos de cooperação Sul-Sul, mas também a transformação e a ascensão de potências emergente. Objetivo da política do Brasil de cooperação.

BRICS é baseada principalmente em considerações econômicas e o desenvolvimento de envolvimento internacional, o objetivo global do que é a política externa do Brasil tem um alto grau de consistência, com a lógica de cooperação do BRICS. É também o caminho para implementar sua estratégia internacional. Para atingir os seus próprios objetivos políticos, não só para fortalecer os laços econômicos e comerciais com vários países emergentes importantes, e colheira o "dividendo político", mas também aumentar a influência internacional do país, o acesso a mais reconhecimento pela comunidade internacional. Por isso, pode-se

dizer que a cooperação entre os BRICS é uma prática multilateral, multilateral com uma “relação custo-benefício” mais alta no Brasil.

## **6 CONCLUSÃO**

Xi Jinping, presidente da República Popular da China, destacou que a amizade sino-Brasileira tem sido firmemente apoiada por sucessivos governos dos dois países e por todas as esferas da sociedade, e é um relacionamento maduro e sólido entre Estados. A China está cheia de confiança nas perspectivas de desenvolvimento do Brasil e cheia de confiança na cooperação China-Brasil. A China e o Brasil devem continuar a considerar-se mutuamente como suas próprias oportunidades de desenvolvimento e parceiros, fortalecer a cooperação bilateral e levar a parceria estratégica abrangente China-Brasil a um novo patamar - o presidente Brasileiro Temer está aqui.

No discurso do "Seminário de Negócios Avançados Brasil-China", ele ressaltou que a China é o parceiro mais necessário do Brasil neste momento, e é oportuno fortalecer ainda mais a parceria estratégica abrangente entre o Brasil e a China. "Esse é o consenso do governo Brasileiro, do povo e das empresas, e um objetivo importante da minha visita à China na 11ª cúpula dos líderes do G20." Em 1974, a China estabeleceu relações diplomáticas com o Brasil. Em 2012, China e Brasil anunciaram a promoção de relações bilaterais para uma parceria estratégica abrangente. Nos últimos 40 anos desde o estabelecimento de relações diplomáticas entre a China e o Brasil, o Brasil passou por muitas rotações e reformas de poder político, mas a tendência geral das relações China-Brasil não mudou.

### **6.1 PERSPECTIVAS PARA O FUTURO DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES CHINA-BRASIL**

O Itamaraty acredita que tanto a unipolarização quanto a polarização afetam os interesses nacionais do Brasil, fortalecem a cooperação com outros grandes países em desenvolvimento e a multipolarização do sistema mundial é uma meta importante da diplomacia Brasileira. A elite Brasileira acredita que a atual economia chinesa criou oportunidades para o desenvolvimento econômico e social do País. A enorme demanda chinesa impulsionou o aumento dos preços internacionais das matérias-primas e das importações de produtos primários Brasileiros e, ao mesmo

tempo, a China como o principal investimento estrangeiro no futuro. Fonte Além disso, autoridades e acadêmicos Brasileiros geralmente consideram a ascensão da China como um fator-chave na futura transformação do padrão internacional. Eles acreditam que na futura estrutura multipolar internacional, a China pode se tornar um polo como os Estados Unidos e a União Européia. O julgamento do potencial de desenvolvimento e a influência internacional determinam a posição importante da China na diplomacia Brasileira. (China.Economia 2017B)

A China e o Brasil são os maiores países em desenvolvimento nos hemisférios oriental e ocidental, e também são os principais representantes dos países do BRICS, o que determina que os dois países enfrentam oportunidades de desenvolvimento e desafios similares e também buscam benefícios para os países em desenvolvimento. Responsabilidade compartilhada. Tanto a China como o Brasil buscam os princípios multilaterais do multilateralismo, todos defendem a democratização das relações internacionais e a multipolarização do mundo, e exigem o estabelecimento de uma nova ordem política e econômica internacional e a quebra das velhas regras internacionais formuladas pelos países desenvolvidos. Nesse sentido, a relação entre a China e o Brasil na nova era tem um significado internacional mais amplo, razão pela qual as relações em rápido desenvolvimento entre a China e o Brasil podem atrair cada vez mais atenção internacional. Com foco no futuro, a parceria estratégica da China e do Brasil tem amplas perspectivas de desenvolvimento.

### **6.1.1 Relações bilaterais manterão rápido desenvolvimento**

A actual relação entre a China eo Brasil estão no melhor período da história, 40 anos de experiência acumulada estabeleceu uma base sólida para o desenvolvimento futuro das relações entre a China e o Brasil, junto com China e Brasil a crescente influência nos assuntos regionais e internacionais, bem como as relações bilaterais entre a China e o Brasil trarão melhores oportunidades de desenvolvimento. Em primeiro lugar, em termos de relações políticas, a confiança mútua entre os dois governos vão consolidar ainda mais, além disso, na actual situação internacional, visitas de alto nível e diálogo estratégico entre os dois governos será reforçada.

Devido à estrutura comercial altamente complementar entre os dois países, o crescimento econômico dos dois países aumentará as trocas econômicas e

comerciais entre a China e o Brasil para um nível mais alto. Além disso, aumentará o investimento mútuo e promoverá o intercâmbio econômico e comercial entre os dois países se estendendo do investimento empresarial em geral para um nível mais profundo com o outro, em que a infra-estrutura, energia, investimento em mineração será susceptível de avançar para outros três setores principais: a cooperação em ciência e tecnologia, a cooperação aeroespacial, e a cooperação prática e específica para o uso da energia nuclear na agricultura, hidráulica, petróleo e gás, produtos farmacêuticos, materiais novos, bio-energia e paz, À medida que os portadores das culturas chinesa e Brasileira aumentam, haverá um aumento significativo nas trocas culturais, educacionais e acadêmicas entre os dois países.

### **6.1.2 Cooperação para lidar com a crise financeira**

A superação da crise financeira é uma das principais prioridades da maioria dos países e é também o foco da atual cooperação entre a China e o Brasil. Em primeiro lugar, o fortalecimento da cooperação econômica e comercial é crucial para a resposta dos dois países à crise. Em 2009, as exportações do Brasil para os EUA caíram 35,3%, as exportações para a UE caíram 28%, enquanto as exportações para a China cresceram 64,7%, o superávit comercial do Brasil com os Estados Unidos tornou-se um déficit, o déficit comercial com a China. Além disso, a China se tornou o maior parceiro comercial e o principal destino das exportações do Brasil, o Brasil se tornou a nova fonte de importação não maior do país da China, aprofundando as relações econômicas e comerciais entre os dois países.

Além disso, o governo Brasileiro espera compensar o encolhimento do crédito internacional ao atrair investimentos chineses e aumentou a intensidade da promoção de investimentos para a China, o que cria um ambiente favorável para as empresas chinesas entrarem no mercado Brasileiro. Os países em desenvolvimento têm interesses comuns em suprimir o protecionismo comercial e de investimentos, fortalecer a supervisão financeira, promover a reforma do sistema financeiro internacional e fortalecer a coordenação de políticas macroeconômicas. Como principais representantes dos países em desenvolvimento e economias emergentes, a China e o Brasil não são apenas favoráveis à sua própria resposta à crise financeira, mas também têm a responsabilidade de salvaguardar os interesses globais dos países em desenvolvimento, por isso, a China e o Brasil avançam em uma cooperação de base ampla no período pós-crise e a atual crise na economia mundial recuperando.

### **6.1.3 Promover o estabelecimento de uma nova ordem política e econômica mundial**

Como duas forças estratégicas globais emergentes, China e Brasil são a reforma da ordem internacional atual. Além disso, os dois países avançam na discussão da como segurança alimentar, segurança energética, mudança climática global e das Metas do Milênio da ONU. Há também posições muito semelhantes nos principais assuntos internacionais: a vontade comum e posição similar são a base para a expansão da cooperação bilateral entre a China e o Brasil nos assuntos internacionais. Nos últimos anos, os dois governos têm cooperado cooperar em organizações internacionais e fóruns de diálogo multilateral das Nações Unidas, OMC, FMI, Banco Mundial, G20, G8 + 5 cúpula, Os países do BRICS realizaram com sucesso uma cúpula, que proporcionou outro canal direto de diálogo entre a China e o Brasil.

Através da nova plataforma BRICS, a China e o Brasil podem alcançar uma maior cooperação com outros países em desenvolvimento (especialmente com grandes países em desenvolvimento), aumentar a voz geral dos países em desenvolvimento nos assuntos internacionais e promover. O estabelecimento de uma nova ordem política e econômica mundial e uma estrutura multipolar internacional alcançarão a prosperidade comum dos países em desenvolvimento.

Após mais de 40 anos de desenvolvimento, as relações bilaterais entre a China e o Brasil estabeleceram uma base relativamente sólida, e as relações entre os dois países também deram início ao melhor período de desenvolvimento da história. A atual crise financeira e o status quo da situação internacional criaram uma gama mais ampla de oportunidades de cooperação para os dois países, e os novos desafios que enfrentam juntos destacam a importância e a urgência da cooperação entre a China e o Brasil. Com o desenvolvimento econômico dos dois países e a crescente ênfase nas relações entre China e Brasil pelos dois governos, as relações China-Brasil entrarão em um estágio de crescimento rápido e sustentado, e também se espera que as relações futuras entre a China e o Brasil recebam mais. Mais significado internacional, e tornar-se uma parte importante da relação entre grandes potências.

## **6.2 FUTURO DESSA RELAÇÃO PARA O BRICS**

De 3 a 5 de setembro de 2017, a nona cúpula dos líderes do BRICS foi realizada em Xiamen, China. A cúpula avaliou os resultados da Década do BRICS e planejou o desenvolvimento futuro do segundo “Ano de Ouro” dos BRICS. O Brasil, um dos cinco países do BRICS, tem importância prática importante na avaliação dos resultados de sua participação nos BRICS e na exploração de suas considerações estratégicas, ajustes de políticas e impactos nos mecanismos de cooperação dos BRICS. (Economia 2017C)

O Brasil é o fundador e promotor ativo do mecanismo de cooperação dos BRICS. Para o governo do Partido Trabalhista Brasileiro de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) a Dilma Rousseff (2011-2016), o mecanismo de cooperação do BRICS baseia-se em mudanças no panorama internacional. Uma importante escolha estratégica é o produto da grande diplomacia do Brasil e da cooperação Sul-Sul. Embora o Brasil seja o país que mais se beneficiou do mecanismo de cooperação do BRICS, após o impeachment da presidente Rousseff em 2016, o ajuste da política externa do governo Temer e o desenvolvimento da situação política e econômica do Brasil trouxeram a política e a cooperação do BRICS do Brasil. Algumas mudanças trouxeram algumas variáveis e desafios para a transformação e modernização do mecanismo de cooperação do BRICS.

Depois de dez anos, o mecanismo de cooperação do BRICS alcançou um enorme desenvolvimento, e os países do BRICS melhoraram muito seu status no mundo. "Nos últimos dez anos, a proporção dos recursos econômicos totais dos cinco países na economia mundial aumentou de 12% para 23%. A proporção de investimento estrangeiro aumentou de 7% para 12% ". O crescente mecanismo de cooperação dos países do BRICS tornou-se uma plataforma importante para o diálogo e a cooperação pragmática entre os países do BRICS e uma força importante para a promoção da governança, entre os quais o Brasil é o país que mais se beneficiou.

Em primeiro lugar, a cooperação pragmática dos países do BRICS trouxe enormes benefícios de desenvolvimento para o Brasil. Promover a facilitação do comércio e investimento é uma parte importante da cooperação do BRICS, e o Brasil tem se beneficiado muito com isso. Embora seja difícil determinar em que medida o mecanismo de cooperação dos BRICS promoveu as exportações e investimentos do Brasil, não há dúvida de que a cooperação multilateral e bilateral do BRICS se reforça e se torna mutuamente relevante. Em termos de comércio, os países do



BRICS se tornaram o mercado de mais rápido crescimento para as exportações Brasileiras nos últimos anos.

Em segundo lugar, aprimorou a representação e a voz do Brasil na governança global. Como um grupo de grandes países emergentes emergentes, os países do BRICS tornaram-se uma força importante na governança global e conseguiram alguns esforços para promover a reforma dos mecanismos de governança global, salvaguardando os interesses dos países em desenvolvimento e aprimorando a voz e a representação dos países em desenvolvimento. Tomando a reforma do sistema de governança financeira global como exemplo, a reforma das ações do FMI e do Banco Mundial aumentou muito a participação dos países em desenvolvimento emergentes.

Em termos de desenvolvimento econômico, a importância dos BRICS para a economia Brasileira é indispensável tanto no passado quanto no futuro. Em termos de desenvolvimento no Brasil, a economia experimentou a pior recessão da história em 2014. Em 2014, a taxa de crescimento econômico foi quase zero, e houve dois crescimentos negativos consecutivos em 2015 e 2016. Para o governo Temer, a principal prioridade é restaurar a economia. Assim como em outubro 2016 quando o presidente Temer em Goa, na Índia, para participar da cúpula BRICS deixou claro que a "relação entre o Brasil e a estratégia de recuperação mundo é um importante pilar dos países do BRIC Brasil como um parceiro comercial prioridade e fonte de investimento.

Os países do BRICS desempenham um papel importante na promoção da prosperidade econômica e global. A partir do relacionamento entre o Brasil e a China e a Índia, o Brasil atribui grande importância ao papel da China e da Índia em seu desenvolvimento econômico externo. Quando ele era ministro das Relações Exteriores da Serra doutrina discurso inaugural que "novas relações com parceiros asiáticos será colocado em prioridade, especialmente com a China, é o maior fenômeno econômico do Século 21. Com base na ação conjunta das relações multilaterais e bilaterais dos países do BRICS, o Brasil não pode abandonar facilmente o mecanismo de cooperação dos BRICS.

À medida que o mecanismo de cooperação do BRICS entra na segunda "Década de Ouro", a transformação e modernização do mecanismo de cooperação do BRICS também estão na agenda. Um dos objetivos é alcançar novos avanços na política e segurança dos países do BRICS (CHINA, 2002).

Atualmente, o Brasil enfrenta grande incerteza na política. Em 12 de julho, o ex-presidente Lula foi condenado a nove anos e seis meses de prisão por suposta corrupção e lavagem de dinheiro, o que terá um impacto importante no desenvolvimento político Brasileiro e na eleição presidencial de 2018. Além disso, a contínua expansão das campanhas de combate à corrupção fez com que as elites políticas dos partidos políticos Brasileiros tradicionais se envolvessem em casos de corrupção.

Portanto, como a política Brasileira evoluiu e aguardando as eleições presidenciais de 2018, ainda é difícil dar uma resposta definitiva. Isso aumenta a dificuldade de prever a cooperação entre o Brasil e os países do BRICS. No entanto, não importa quem esteja no comando do Brasil, o enfoque diplomático do Brasil tem sido moderadamente ajustado. É inevitável que a cooperação Sul-Sul, baseada no mecanismo de cooperação dos BRICS, seja moderadamente inclinada aos parceiros tradicionais dos Estados Unidos e da Europa. A extensão do ajuste dependerá principalmente do progresso do mecanismo dos BRICS, se pode trazer mais benefícios para o Brasil e atender às necessidades e expectativas estratégicas do país.

## REFERÊNCIAS

1. **China. Zhang Shuguang. LIVRO:Relatório sobre o desenvolvimento das relações entre a China e os países de língua portuguesa — Brasil 2014;**
2. \_\_\_\_\_. **Xia Xiaojuan. Os Fatores Limitantes no Desenvolvimento das Relações Bilaterais entre a China e o Brasil.** Disponível em < <http://www.cqvip.com/QK/83894A/201601/669832221.html> > Acesso em: 01 de junho de 2016;
3. \_\_\_\_\_. **Wang Fei. Situação atual, oportunidades e desafios das relações econômicas e comerciais entre a China e o Brasil.** Disponível em < <http://ilas.cass.cn/grzy/jjyjs/wf/201701/P020170110614794480643.pdf>> Acesso em: 4 de janeiro de 2017;
4. \_\_\_\_\_. **Wen Zhuojun. Análise da situação atual das relações econômicas e comerciais entre a China e o Brasil e as contramedidas .**Disponível em < <http://www.cqvip.com/read/read.aspx?id=666264822> > Acesso em: 4 de março de 2015;
5. \_\_\_\_\_. **Zhou Zhiwei. As conquistas econômicas e comerciais são as conquistas mais óbvias do Brasil e dos países BRICS.** Disponível em < <http://www.cqvip.com/QK/81297B/201709/673185426.html> > Acesso em: 8 de setembro de 2017;
6. \_\_\_\_\_. **Jiang Shixue. Compreensão da parceria estratégica global entre a China e o Brasil** Disponível em < <http://www.cqvip.com/QK/91354A/201604/669706718.html> > Acesso em: 4 de abril de 2016;
7. \_\_\_\_\_. **Liu Qiang. Estudo sobre a competitividade e complementaridade dos produtos de exportação nos países BRICS** Disponível em < <http://www.cqvip.com/QK/80309A/201532/666268324.html> > Acesso em: 9 de março de 2016;

8. \_\_\_\_\_. **Wang Shouwen. China Brasil assina serviço comércio cooperação dois anos plano de ação.** Disponível em < <http://www.cqvip.com/QK/90881X/201708/673054002.html> > Acesso em: 3 de agosto de 2017;
9. \_\_\_\_\_. **Economia.A cooperação econômica e comercial unirá o poder dos países BRICS.** Disponível em < <http://www.cqvip.com/QK/84328A/201731/672796008.html> > Acesso em: 4 de fevereiro de 2017a;
10. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **LIVRO: «BRICS» 2017b.**
11. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Brasil e China: relações comerciais movimentam tradução do mandarim para o português.** Disponível em < <http://www.gamati.com> » /2017/01/23/Brasil-e-China-relacoes-comerciais-movimentam-traducao-do-mandarim-para-o-portugues/ > Acesso em: 16 de janeiro de 2017c.